

Mestrado em Educação para a Saúde

**Brincar na Natureza: Explorar o Jardim Botânico com
crianças dos 2 aos 6 anos.**

Ana Filipa Fernandes Rodrigues

Coimbra, 2017

Ana Filipa Fernandes Rodrigues

Brincar na Natureza: Explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos

Trabalho de projeto do Mestrado em Educação para a Saúde, apresentado à Escola Superior de Educação de Coimbra e à Escola Superior de Tecnologia da Saúde para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutora Ana Paula Amaral

Arguente: Prof. Doutora Ana V. Rodrigues

Orientadora: Prof. Doutora Filomena Teixeira

Co-orientadora: Prof. Doutora Ana Coelho

Dezembro, 2017

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta caminhada.

À Professora Doutora Filomena Teixeira e à Professora Doutora Ana Coelho pelo privilégio de serem minhas orientadoras do projeto, pela paciência, disponibilidade e conhecimento partilhado. Obrigado por acreditarem nas minhas capacidades e por me terem “empurrado” para a frente, apoiado e incentivado quando precisei.

Ao Capuchinho Vermelho e toda a sua equipa educativa, pela amizade, estímulo, envolvimento e compreensão.

Ao Jardim Botânico da Universidade de Coimbra pela oportunidade e confiança demonstrada, assim como por todo o apoio prestado ao longo destes meses.

À Junta de Freguesia de S.Martinho do Bispo e Ribeira de Frades que, juntamente com o Clube Desportivo Vigor da Mocidade, assegurou o transporte das crianças durante todo o projeto, e acreditou desde o início nos seus benefícios.

Às famílias participantes, por todo o carinho transmitido, pelas palavras de incentivo que deram, pela confiança e envolvimento.

Às crianças que participaram neste projeto pelos sorrisos, descobertas, motivação, ensinamentos, entusiasmo e por me fazerem acreditar que valeu a pena.

À minha mãe, pai, irmão, avó e avô por estarem sempre presentes, com o carinho, afeto e atenção que demonstram constantemente. Obrigado por serem os meus pilares e por acreditarem sempre que sou capaz.

Aos amigos, pela sua presença constante na minha vida, pelo apoio, momentos partilhados e principalmente por entenderem a minha ausência em alguns momentos importantes.

A todos o meu muito OBRIGADO por tornarem este trabalho possível!

Brincar na Natureza: Explorar o Jardim de Infância com crianças dos 2 aos 6 anos

Resumo: Programas de intervenção pedagógica em espaços naturais, que articulam a educação de infância, a educação ambiental e a educação para a saúde, devem ser cada vez mais uma preocupação de pais, mães, profissionais, instituições e governos. O Projeto “Brincar na Natureza: explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos”, partiu da questão “*O brincar livre na natureza promove uma relação positiva da criança com os elementos naturais, bem como oportunidades de socialização significativas?*”. Contemplou uma formação prévia com a equipa educativa e outra com as famílias, teve a duração de 8 semanas e decorreu no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, todas as quartas-feiras, em Maio e Junho de 2017. Para além de um Diário de Bordo onde foram registados os aspetos relevantes de cada sessão, foi feita uma avaliação inicial através de questionários às famílias, entrevistas às crianças e a utilização da Escala de Aptidões Sociais (EAS). Estes instrumentos foram novamente utilizados como forma de avaliação no final do projeto. Como principais resultados do projeto temos uma maior cooperação e respeito entre as crianças; diminuição dos conflitos entre elas; maior capacidade de levantar questões e resolver problemas; maior empatia com o ambiente e conhecimento de elementos naturais; integração, no currículo da instituição, do contacto regular com ambientes naturais; consciencialização, por parte das famílias, das vantagens para o bem-estar e desenvolvimento das crianças, fomentadas por programas de educação *outdoor*.

Palavras-chave: *crianças, brincar na natureza, sustentabilidade ambiental, saúde.*

Playing in Nature: Exploring the Botanical Garden with children from 2 to 6 years old

Abstract: Pedagogical intervention programmes in natural spaces, which articulate Early Childhood Education, Environmental Education and Health Education, should increasingly become part of the concerns of parents, professionals, institutions and decision-makers. The Project "Playing in Nature: Exploring the Botanical Garden with children from 2 to 6 years old" started from the question "Does free play in nature promote a positive relationship between the child and the natural elements as well as significant opportunities for socialization?". There was a previous training with the pedagogical team and another with the families. The project lasted 8 weeks and was held at the Botanical Garden of the University of Coimbra, every Wednesday, in May and June 2017. In addition to a logbook, where the relevant aspects of each session were recorded, an initial assessment was made through questionnaires to the families, interviews with children and use of the Social Skills Scale. These instruments were once again used as an evaluation form at the end of the project. As main results of the project we have greater cooperation and respect among children; less conflict between them; greater ability to raise questions and solve problems; greater empathy with the environment and knowledge of natural elements; integration in the institution's curriculum of regular contact with natural environments; awareness of the benefits to the children well-being and development, fostered by outdoor education programs.

Keywords: *children, nature play, environmental sustainability, health.*

Sumário

Introdução	1
Parte I: Enquadramento Teórico	3
1.Educação para a saúde e sustentabilidade ambiental.....	5
2.Natureza, saúde e bem-estar infantil.....	7
2.1. O brincar na natureza como processo de aprendizagem e estratégia de promoção de saúde na criança.....	8
2.2. A resiliência como estratégia de promoção de saúde na criança.....	11
2.2.1. Competências sócio-emocionais e resiliência.....	12
3. Educação de infância e programas de intervenção na natureza.....	13
4. O Papel do/a adulto/a.....	15
Parte II: Enquadramento Metodológico	17
1. Enquadramento e questões de investigação.....	19
2.Objetivos.....	19
3.População-alvo.....	20
4.Instrumentos.....	20
4.1. Questionário às mães e pais.....	21
4.2. Entrevistas às crianças.....	21
4.3. Diário de Bordo.....	21
4.4. Escala de Aptidões Sociais (EAS).....	22
4.5. Registo Fotográfico.....	22
5.Atividades realizadas no projeto.....	22
6. Procedimentos e considerações éticas.....	24
Parte III: Apresentação, análise e discussão dos resultados	25
1. Apresentação e análise dos Resultados.....	27
2. Discussão dos Resultados.....	30
Considerações Finais	33
Referências Bibliográficas	36
Anexos	41

Anexo 1: Cronograma das atividades do Projeto Brincar na Natureza.....	41
Anexo 2: Questionário às mães e aos pais (Avaliação Inicial).....	45
Anexo 3: Questionário às mães e aos pais (Avaliação Final).....	51
Anexo 4: Entrevista às Crianças (Avaliação Inicial e Final).....	57
Anexo 5: Diário de Bordo.....	61
Anexo 6: Escala de Aptidões Sociais (EAS) – Avaliação Inicial e Final.....	83
Anexo 7: Termo de Consentimento Informado.....	89
Anexo 8: Consentimento Informado: Registos de Fotografia ou Audiovisual...	93
Anexo 9: Folheto Informativo.....	97
Anexo 10: Telas realizadas pelas crianças no final do Projeto.....	101
Anexo 11: Página e Grupo do Facebook ligados ao Projeto.....	105
Anexo 12: Parcerias.....	109

Abreviaturas

APA: American Academy of Pediatrics

DGS: Direção-Geral de Saúde

EAS: Escala de Aptidões Sociais

EEA: European Environmental Agency

OMS: Organização Mundial de Saúde

PKBS: Preschool and Kindergarten Behavior Scale

RMNO: Raad voor Ruimtelijk, Natuur- en Milieu-Onderzoek (Advisory Council for Research on Spatial Planning, Nature and the Environment)

UNICEF: United Nations International Children's Emergency Fund

WHO: World Health Organization

ZDP: Zona de Desenvolvimento Proximal

Tabelas

Tabela 1- Atividades realizadas no projeto

Tabela 2 - Questionário inicial às famílias: Grupo II – 2.1

Tabela 3 - Questionário final às famílias: Grupo II – 2.1

Tabela 4 - Questionário inicial às famílias: Grupo II – 2.2

Tabela 5 - Questionário final às famílias: Grupo II – 2.2

Gráficos

Gráfico 1 - Subescala Aptidões Sociais: Dimensão da Cooperação Social

Gráfico 2 - Subescala Aptidões Sociais: Dimensão da Interação Social

Gráfico 3 - Subescala Aptidões Sociais: Dimensão da Autonomia Social

INTRODUÇÃO

A OMS (1991) afirma que não é possível sustentar a qualidade de vida, dos seres humanos e de outras espécies vivas, sem mudanças profundas nas atitudes e comportamentos na gestão e preservação do ambiente. A obtenção de um ambiente favorável e que suporte a saúde, é então o desafio dos nossos tempos. Nicollier (2005) afirma que os objetivos da educação para a sustentabilidade ambiental dependem do desenvolvimento de vários conhecimentos, habilidades e, sobretudo, da capacidade de estabelecer relações complexas entre os diversos fatores que constituem o ecossistema. Importa que as crianças desenvolvam uma relação significativa com a natureza, que se traduz numa postura de respeito e afetividade. Neste sentido, torna-se imprescindível a implementação de programas que deem espaço à criança para se reaproximar do meio natural, explorando, experimentando, aprendendo, observando, compreendendo e estabelecendo uma relação forte com a natureza. O projeto Brincar na Natureza: explorar o jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos, surge no âmbito do Mestrado em Educação para a Saúde, aliando a minha prática e preocupações como Educadora de Infância, ao que defendo, como futura Educadora para a Saúde, no que respeita ao desenvolvimento, saúde e bem-estar infantil. Brincar na natureza é, no meu ponto de vista, uma forma de possibilitar às crianças um desenvolvimento saudável, holístico e feliz. Assim, pretendeu-se contrariar a realidade da maioria das crianças pequenas, que vê as suas experiências do dia-a-dia limitadas a espaços fechados e estruturados pelas pessoas adultas, onde o brincar livre e o contacto com a natureza quase não existem (Figueiredo, 2010).

O projeto realizado baseia-se nos conceitos pedagógicos dos “Forest Kindergartens” e das “Community Nature Destinations”, assumindo como princípios as três ideias chave defendidas por Morgan e Aleman-Diaz (2016). Em primeiro lugar, sendo um programa com o objetivo de promover saúde e bem-estar, deverá seguir o paradigma salutogénico. Em segundo lugar, as crianças deverão ser escutadas e em terceiro lugar, participar ativamente no processo permitindo um maior envolvimento e consequente maior probabilidade de sucesso do programa. Esta ideia vai ao encontro

da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, que também defende um diálogo horizontal entre o/a educador/a e a criança, e onde ela participa ativamente na busca pelo conhecimento e construção da sua autonomia (Salci et al, 2013). Como terceira ideia chave está o desenvolvimento de conexões positivas como facilitador para atingir as metas em saúde e bem-estar.

O presente trabalho é constituído por três partes. Na primeira faz-se um enquadramento teórico partindo de uma breve contextualização do que se entende por Educação para a Saúde e a sua ligação com a sustentabilidade ambiental. Depois de estabelecida a relação entre a natureza, saúde e bem-estar da criança, clarifica-se a importância de implementação de programas de intervenção na natureza, na educação de infância. A segunda parte é constituída pelo enquadramento metodológico e contém as questões de investigação, objetivos, população-alvo, instrumentos utilizados, atividades e procedimentos éticos. Por fim, na terceira e última parte é feita a apresentação, análise e discussão dos resultados, seguida de algumas considerações finais consideradas pertinentes.

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Educação para a saúde e sustentabilidade ambiental

Durante muito tempo, a saúde foi definida como apenas a ausência de doença. Em 1978, na Conferência Internacional sobre Cuidados de Saúde Primários, em Alma-Ata, definiu-se saúde como *“um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença ou enfermidade”* (OMS, 1978: 1), introduzindo assim uma forma mais holística e positiva de entender a saúde. Por sua vez, a 1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde teve lugar em Ottawa, em 1986, surgindo como resposta à necessidade de uma nova saúde pública (OMS, 1986). Segundo a Organização Mundial de Saúde (1986:1), Promoção da Saúde *“é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde”*. A promoção de saúde assume a direção de um bem-estar global, que não é apenas responsabilidade exclusiva do sector da saúde e onde toda a população deve assumir um papel ativo. As estratégias de referência para a construção de programas de promoção de saúde, referidas na Carta de Ottawa e que continuam a ser uma referência, abrangem cinco áreas: políticas públicas de saúde, ambiente sustentável, reorientação dos serviços de saúde, competências pessoais e sociais e participação comunitária (OMS, 1986).

A Carta de Ottawa (OMS, 1986) sublinha também que a educação para a saúde é um importante requisito para a promoção da saúde. Loureiro e Miranda (2010) referem que, atualmente, muitos países utilizam medidas educativas como forma de promover saúde e diminuir as desigualdades. Educar para a saúde inclui motivar para a construção de conhecimentos conducentes à alteração voluntária de atitudes e comportamentos favoráveis a um estilo de vida saudável (Antunes, 2008).

A Organização Mundial de Saúde define Educação para a Saúde como *“qualquer combinação de experiências de aprendizagem desenhadas para ajudar indivíduos e comunidades a melhorar a sua saúde, aumentando o seu conhecimento ou influenciando as suas atitudes”* (WHO, 1998). Para Silva (2011), a educação para a saúde não se faz para as pessoas mas sim com as pessoas, tendo como objetivo o desenvolvimento das competências necessárias para tomar decisões no sentido de manter ou melhorar o seu nível de saúde.

Na educação em saúde, destaca-se a Teoria Salutogénica de Antonovsky que se relaciona com a Carta de Ottawa, destacando que a saúde deve ser usada como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver (OMS, 1986). Assim, a Salutogénese é um processo focado na promoção de saúde, que capacita pessoas, promovendo a sua capacidade de superação (Lindstrom & Eriksson, 2008). Loureiro e Miranda (2010: 45) afirmam que Antonovsky *“realça a importância do reforço das competências, das pessoas e das comunidades, na melhoria do nível de saúde, potenciando os fatores geradores de saúde, integrando-os na capacidade de gestão dos fatores de risco, através da resiliência”*.

A pedagogia libertadora de Paulo Freire, defende a autonomia do indivíduo, e tem vindo também a ser utilizada e considerada uma importante metodologia para trabalhar a promoção da saúde. A relação entre educação para a saúde e a pedagogia libertadora, surge através de um diálogo horizontal entre educador/a e indivíduo, e contribui para a construção da autonomia do sujeito para o desenvolvimento da saúde individual e coletiva (Salci et al, 2013).

A 3ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde - Ambientes Favoráveis à Saúde, realizada em Sundsvall (OMS, 1991) vem reconhecer que a saúde e o bem-estar do ser humano estão intimamente ligados ao ambiente. Um ambiente saudável proporciona benefícios a nível físico, mental e social, enquanto a degradação ambiental pode trazer consequências negativas para a saúde. O compromisso de salvaguarda da equidade entre gerações, assente num modelo de desenvolvimento sustentável é um desafio colocado à nossa sociedade (EEA, 2015), sendo assumido tanto a nível nacional como internacional. Assim, a educação para o desenvolvimento sustentável *“procura desenvolver o conhecimento, as competências e as perspetivas e valores que habilitem as pessoas de todas as idades a assumirem a responsabilidade pela criação e usufruto de um futuro sustentável”* (Ministério da Educação, 2006:55).

A estratégia Health 2020, da Organização Mundial de Saúde (OMS), valoriza o papel dos ambientes saudáveis, defendendo que as ações a implementar devem considerar a relevância do ambiente para a saúde no geral (DGS, 2015). A promoção da saúde

está associada à sustentabilidade ambiental, na medida em que boas escolhas no sector da saúde são boas escolhas para o ambiente, do mesmo modo que boas escolhas para o ambiente influenciam de forma positiva a saúde. É necessário que os diversos sectores da sociedade se envolvam, combatendo práticas e estilos de vida pouco saudáveis do dia-a-dia, proporcionando melhorias na saúde e no bem-estar da população (Crisp et al, 2014), assumindo o processo educativo (formal ou não formal), importância neste contexto.

2.Natureza, saúde e bem-estar infantil

As alterações nos estilos de vida, os novos tipos famílias, a diversidade cultural e as novas expectativas da própria sociedade requerem que famílias, profissionais de educação e outros, colaborem entre si para proporcionar bem-estar às crianças. Para Marotz (2015) as próprias comunidades devem ter um papel ativo, criando ambientes seguros e saudáveis. Segundo o autor, uma criança saudável apresenta normalmente comportamentos e competências adequadas à idade. Apresenta um bom padrão de nutrição, tem energia para brincar e tende a ter menos doenças. Morgan e Aleman-Diaz (2016) defendem que devemos encarar a saúde e o bem-estar numa perspetiva positiva, criando condições para a saúde, em vez de estratégias para aliviar os problemas. Por bem-estar, entende-se um estado dinâmico onde o indivíduo desenvolve o seu potencial ativamente, estabelecendo relações fortes e positivas com os outros, contribuindo para a comunidade (Public Health England, 2013). As famílias, instituições educativas e os serviços de saúde são responsáveis pela promoção de saúde e bem-estar das crianças (Maranhão, 2010). Neste sentido, para que as crianças aprendam a ter estilos de vida saudável e a fazer escolhas responsáveis no que diz respeito à saúde atual e futura, é necessário que as pessoas adultas à sua volta sirvam de modelo e proporcionem momentos e experiências no dia-a-dia que vão nesse sentido (Owens, 2012).

Recentemente, têm surgido diversos estudos centrados nos benefícios que a natureza e ambientes naturais proporcionam à qualidade de vida das crianças e comunidades. Por natureza entendemos o ambiente em que os organismos se manifestam expressamente e inclui reservas naturais, terrenos agrícolas, florestas, jardins e

espaços verdes urbanos (RMNO, 2004). A falta de contacto direto com a natureza traz consequências negativas a nível do desenvolvimento, saúde e bem-estar (Mustapa, Maliki & Hamzah, 2015), especialmente no que respeita à saúde física e mental (Moss, 2012). Louv (2005) refere um estudo realizado na Noruega e Suécia que comparou um grupo de crianças em idade pré-escolar que brincavam todos os dias num recreio normal com um grupo de crianças da mesma idade que brincavam num contexto natural, rodeadas de árvores e rochas. No final de um ano verificaram que as crianças que brincavam no contexto natural apresentavam uma motricidade mais desenvolvida, especialmente a nível de equilíbrio e agilidade. De acordo com Moss (2012), a redução da atividade física, associada à taxa crescente de obesidade, doenças mentais, défice de atenção e falta de vitamina D, são alguns dos efeitos negativos. O contacto com ambientes naturais reduz a prevalência da miopia nas crianças (Rose et al, 2008) e ainda o stress (Kuo, 2010). Também no que diz respeito ao bem-estar emocional, a natureza assume um papel fundamental. Um estudo desenvolvido por Wells e Evans e apresentado por Louv (2005) no seu livro “Last Child in the Woods”, mostra que crianças que vivem rodeadas pela natureza nos locais onde habitam, apresentam taxas mais baixas de ansiedade, depressão e problemas comportamentais do que aquelas que não possuem espaços naturais perto de casa. Verificou-se também que o primeiro grupo de crianças tinha uma autoestima mais elevada do que as crianças que tinham pouco contacto com a natureza.

Louv (2005) introduziu o conceito “nature-defice disorder”, para caracterizar a alienação da natureza que nos rodeia e as suas consequências como a diminuição do uso dos sentidos, dificuldades de atenção e taxas mais elevadas de doenças físicas e mentais. Este défice pode ser detetado em indivíduos, famílias ou comunidades e é um processo reversível.

2.1.O Brincar na natureza como processo de aprendizagem e estratégia de promoção de saúde na criança

O brincar assume um papel de extrema importância no desenvolvimento holístico da criança e é reconhecido como um direito fundamental pela Convenção sobre os

Direitos da Criança (UNICEF, 1989). É através do brincar que crianças pequenas estabelecem laços e interagem com o mundo à sua volta (Ginsburg, 2007). No entanto, verifica-se uma desvalorização do brincar, quando comparado ao conhecimento estruturado, sendo muitas vezes relegado para segundo plano (Ferreira, 2010).

As brincadeiras que as crianças fazem têm sempre um propósito para elas, ainda que este possa não ser visível para as pessoas adultas. Cabe-lhes o controlo de todo o processo. Cada criança, ao estar motivada para explorar o mundo à sua volta, chega às suas próprias conclusões e atinge objetivos pessoais (Pound, 2014), o que estimula a sua autonomia e forma de pensar independente, conducente a um aumento da auto-regulação (Gaspar, 2010). Brincar livremente desenvolve a criatividade e imaginação, permite explorar sentimentos, materiais, relações e papéis, representar ideias e fazer ligações entre elas, sendo essencial para o bem-estar cognitivo, físico, social e emocional da criança (Milteer & Ginsburg, 2012, Burdette & Whitaker, 2005). Permite também um aumento da autonomia, independência e resiliência, contribuindo para um forte sentido de identidade (Malone, Birrel, Boyle & Gray, 2015).

Para Vygotsky o brincar é a principal fonte de desenvolvimento da criança (Gaspar, 2010), permitindo a criação das Zonas de Desenvolvimento Próximo (ZDP), que se caracterizam pela distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial da criança. As ZDP podem desenvolver-se a partir de uma interação intencional, controlada pelas pessoas adultas ou numa situação de jogo, em que a criança vai utilizar sozinha os recursos existentes naquele ambiente. A criança vai construir novo conhecimento e competências, a partir daquele que já possuía. Numa outra perspetiva, Howard Gardner, em 1983, desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas, que agrupou em sete categorias: inteligência linguística, inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal, inteligência lógico-matemática, inteligência musical, inteligência espacial e inteligência corporal-cinestésica (Pound, 2014). Cada uma delas corresponde a uma forma específica de perceber o mundo. No ano 2000, foi também incluída a inteligência naturalista como uma nova categoria (Nicollier 2005, Pound, 2014). Nicollier (2005:27) define essa inteligência

como “*uma capacidade humana primordial, pois, é responsável, tanto pelo conhecimento dos elementos do meio percebidos pelo sujeito, como pelo estabelecimento de uma relação deste com os mesmos. O conhecer do ambiente, consiste basicamente na identificação e organização dos elementos, na formação de categorias e no estabelecimento de relações.*” Cheng e Monroe (2012) afirmam que quanto mais tempo uma criança passa no meio natural, mais comportamentos pró-ambientais desenvolve. Assim, o contacto direto com a natureza é visto como uma ferramenta que pode fomentar atitudes positivas face ao ambiente.

O contacto com a natureza influencia a forma como a criança aprende. Uma aprendizagem em contexto natural permite experiências diretas com a matéria, tornando-a mais interessante e de fácil compreensão (Moss 2012, Erikson e Ernest 2011). Assim, a criança vai desenvolver, de forma diferente, as suas competências a nível cognitivo (excelente conhecimento e capacidade de compreensão); afetivo (atitudes, valores, crenças e autoconceito); físico e comportamental (*fitness*, comportamento pessoal e social); interpessoal e social (comunicação, liderança e trabalho em equipa). No que diz respeito às competências sociais, Bixler, Floyd e Hammitt (2002) realçam que o brincar e explorar em contexto natural proporcionam desafios e interações positivas, assim como desenvolvem o autocontrolo e a autodeterminação. Para Moss (2012), crianças que aprendem em ambiente *outdoor*, aprendem mais, compreendem mais, sentem-se melhor, comportam-se melhor, trabalham de forma mais cooperativa e são fisicamente mais saudáveis. Mustapa, Maliki e Hamzah (2015) afirmam, ainda, a existência de benefícios no domínio espiritual da criança.

Um relatório publicado pelo Concelho de Saúde Holandês (RMNO, 2004), analisa diversos estudos e conclui que o contacto com a natureza possibilita experiências sensoriais e promove um autoconceito positivo, assim como sentimentos de pertença e preocupação com a própria natureza, proporcionando o desenvolvimento social e emocional da criança. A concentração, autoestima e a habilidade para lidar com eventos stressantes, também são competências promovidas através do contacto direto com a natureza. As próprias relações que a criança estabelece, com os pares ou com as pessoas adultas, vão ter influência no seu desenvolvimento. Outra conclusão do

relatório é o facto de experiências intensas na natureza, durante a infância, criarem bases para o desenvolvimento, no futuro, de atitudes positivas face ao ambiente.

2.2.A resiliência como estratégia de promoção de saúde na criança

Nas ciências sociais e humanas, a resiliência pode definir-se como a capacidade que o ser humano tem de responder às adversidades da vida quotidiana de forma positiva, combinando características individuais, do ambiente familiar, social e cultural (Noronha et al, 2009). A resiliência não elimina a situação de risco, mas possibilita ao individuo enfrentar os desafios, com sucesso (Silva et al, 2005).

Para Silva, Lunardi, Lunardi Filho e Tavares (2005), a promoção da saúde assenta em duas ideias fundamentais: a necessidade de mudanças no modo de vida das pessoas e a necessidade de mudança das suas condições de vida, caracterizando-se por ser um amplo conjunto de estratégias que permitem compatibilizar políticas públicas saudáveis, ampliar medidas protetoras e construir ambientes favoráveis à saúde. A resiliência representa assim, um dos possíveis caminhos para que a promoção da saúde seja centrada nas potencialidades dos indivíduos, de forma a que consigam encontrar estratégias para responder positivamente às exigências da vida quotidiana, mesmo na presença de ambientes e situações de risco (Silva et al, 2005). Permite também o desenvolvimento da capacidade de escolha e mobilização dos conhecimentos aprendidos.

Grotberg (1995) salienta que a resiliência é a capacidade universal, que permite às pessoas, grupos ou comunidades prevenir, minimizar ou superar os efeitos danosos das adversidades. É fundamental reconhecer e confiar nas suas próprias habilidades e características. Por isso, ajudar a criança a conhecer-se irá fortalecer o seu autoconhecimento, a sua autoestima e autoconfiança (Poppa, 2013).

2.2.1. Competências sócio emocionais e resiliência

A resiliência assume uma importância pessoal e social que permite ao indivíduo o equilíbrio necessário ao seu desenvolvimento (Botelho, 2012). A vida em sociedade é um processo contínuo que ilustra vários comportamentos e relações interpessoais resultantes das características inatas de cada um, do ambiente e de um conjunto de experiências que cada pessoa é capaz de integrar e processar (Moreira, 2004).

Para Botelho (2012), competências sociais são atributos pessoais facilitadores da interação social e que possibilitam, ao indivíduo, responder de forma adequada e ajustada aos estímulos e desafios da vida. Segundo o Manual de identificação e promoção da resiliência em crianças e adolescentes da OMS, as crianças resilientes são mais sensíveis no contacto com outros/as e geram respostas mais positivas. São ativas, flexíveis e adaptáveis, apresentando como qualidades a capacidade para responder prontamente a qualquer estímulo, para comunicar facilmente, para gerar empatia e afeição e para apresentar um comportamento “pró-social” (Munist *et al*, 1998).

A empatia e a aptidão social aparecem como dimensões da inteligência emocional, referidas por Alves (2013), tendo por base a relação com outros/as. Por empatia entendemos o reconhecimento dos sentimentos de outrem, sabendo-se colocar no seu lugar, compreendendo-o. A aptidão social está relacionada com a eficácia das relações interpessoais, gestão das emoções de outros/as e capacidade para lidar com emoções do grupo (Alves, 2013). A capacidade de empatia proporciona o desenvolvimento de atitudes pró-sociais opondo-se a atitudes racistas, xenófobas e machistas, que tantos problemas causam nas sociedades (Bisquerra, 2016). Bilton, Bento e Dias (2017) defendem que contextos naturais permitem importantes interações entre as crianças, que cooperam entre si para ultrapassar os imprevistos da natureza, partilhando ideias, medos e estratégias. Segundo as autoras, vivências diversas no exterior permitem à criança um maior autoconhecimento, e um maior conhecimento de outros/as, desenvolvendo assim ligações mais fortes entre o grupo. Também a relação criança-adulto/a sai beneficiada. Em contexto exterior as pessoas

adultas encontram-se mais descontraídas e disponíveis para interagir com as crianças, adotando uma postura diferente daquela que normalmente têm no espaço interior.

Vale (2009), refere que a educação pré-escolar assume um papel fundamental no desenvolvimento de competências sociais e emocionais, como é o caso da autoconsciência, controlo dos impulsos, empatia, cooperação, e resolução de conflitos. Níveis inadequados destas competências são reconhecidos como potenciadores de problemas de saúde como obesidade, violência ou abuso de substâncias (Jones, Greenberg & Crowley, 2015). A educação sócio-emocional assume-se como uma forma de prevenção primária da conduta anti-social, tentando diminuir a vulnerabilidade às disfunções (Vale, 2009).

3. Educação de Infância e programas de intervenção na natureza

A educação de infância, ao promover o desenvolvimento cognitivo, emocional, psicológico, social e físico da criança, assume um papel fundamental na aquisição de valores, atitudes, comportamentos e hábitos que suportam um desenvolvimento sustentável (Pramling & Kaga 2008). É fundamental que as crianças aprendam a respeitar a natureza, compreendendo que todos dependemos dos seus recursos, e por isso devemos usá-los de forma inteligente. A educação para a sustentabilidade pretende proporcionar às crianças oportunidades para que possam tornar-se cidadãos e cidadãs ativos/as, desenvolvendo conhecimentos, valores e preocupações pela vida e ambiente (Norrdahl, 2008). Engdahl, 2015 refere que, muitas vezes, as pessoas adultas subestimam as competências das crianças, no entanto, estas possuem conhecimentos sobre o Planeta, questões ambientais, a responsabilidade que cada uma delas tem e ideias do que fazer para proteger o ambiente.

Instrumentos como a Convenção sobre os Direitos da Criança (UNICEF, 1989) ou as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) são um bom ponto de partida para fundamentar práticas baseadas no brincar livre na natureza. No primeiro, realçamos o Artigo 29^a que incentiva a promover o respeito da criança pela natureza e o Artigo 12^o, que permite às crianças

participar nas decisões que as afetem. O segundo, dentro da área do Conhecimento do Mundo, remete para a importância de envolver as crianças em atividades que permitam adquirir hábitos de sustentabilidade ambiental e realçando o contacto com os elementos da natureza. A American Academy of Pediatrics (APA), tem vindo a alertar os/as pediatras para promoverem o brincar livre como fonte de saúde e essencial para o desenvolvimento das crianças, desencorajando as atividades de entretenimento passivas (televisão, jogos de computador,...). Todos os dados podem ser consultados no relatório elaborado por Ginsburg (2006).

Tiriba (2010), afirma que as instituições de educação de infância devem propor currículos que facilitem a relação criança-natureza e promovam a preservação da biodiversidade e sustentabilidade. Para o autor, a educação deve assentar em três pilares: (re)ligar as crianças com a natureza; (re)inventar os caminhos do conhecer; e dizer não ao consumismo e desperdício.

Um exemplo de programa de intervenção em ambiente natural, são os “Forest Kindergartens”. Este modelo surgiu na Escandinávia por volta de 1950, baseado no princípio de vida ao ar livre, envolvendo as crianças ativamente no mundo natural, brincando com o que a natureza possui (Coelho et al 2015). Este modelo tem como base o desenvolvimento da autonomia e cooperação das crianças, fomentando uma atitude responsável e de proteção do ambiente (Moore & Marcus, 2008).

Moore e Marcus (2008) afirmam que, também as instituições de educação não formal podem assumir um papel importante, criando oportunidades de exploração da natureza. Museus, jardins zoológicos, quintas urbanas, jardins botânicos, entre outros, devem ser aproveitados por pais, mães e educadores/as para explorar com as crianças. Louv (2005) afirma que a melhor maneira de permitir a conexão de uma criança com a natureza, é a própria família fazer parte dessa conexão. Quando as mães, pais, avôs ou avós participam em atividades no exterior, a probabilidade de as crianças também se envolverem, é maior. O mesmo autor coloca ainda a questão “*se uma criança cresce rodeada de uma cultura de controlo, como vai definir liberdade quando chegar a adulto?*”.

4.O papel do/a adulto/a

Pound (2014) refere que apesar de muitos/as educadores/as defenderem que as crianças aprendem através do brincar, nem sempre possuem preparação para atuar num contexto de brincadeira livre, onde o/a adulto/a não tenha o controlo da atividade. Segundo a mesma autora, alguns/algumas educadores/as não se sentem confortáveis a argumentar os benefícios que o brincar proporciona no que respeita ao processo de aprendizagem, nem a planificar usando o brincar como base, receando não ir ao encontro dos “padrões” requeridos pelos organismos responsáveis pela área da educação.

Por vezes torna-se complicado equilibrar o papel dos/das educadores/as quando se trata do brincar livre na natureza (Malone, Birrel, Boyle & Gray, 2015). Existe uma tensão entre deixar as crianças brincarem autonomamente, encontrando as suas próprias soluções para os problemas e, intervir, especialmente quando as crianças se sentem frustradas ou estão em potencial situação de risco. Para Bilton, Bento e Dias (2017), dar espaço à criança para tomar decisões e testar os seus limites não invalida o papel do/a adulto/a seja como observador/a ou como participante ativo/a. Importa que os/as educadores/as facilitem a construção de confiança, incentivem novos desafios e escolhas que permitam uma maior aprendizagem e segurança. Importa ainda que sejam as crianças a fazer escolhas saudáveis, a manterem-se ativas desenvolvendo competências motoras, a conhecerem o espaço à sua volta, e a desenvolverem a sua curiosidade, capacidade de questionar e espírito crítico, assim como a criatividade e imaginação. Malone, Birrel, Boyle e Gray (2015) defendem que o/a educador/a deve conhecer o seu papel e as mensagens que o seu próprio comportamento veicula às crianças. Cada intervenção sua pode perturbar ou apoiar a criança na superação de obstáculos (Bilton, Bento & Dias, 2017).

Brincar pode ser sujo, barulhento e difícil de controlar. Alguns pais, mães e educadores/as acreditam que pode também ser perigoso. Cabe à pessoa adulta garantir um ambiente seguro, mas que possibilite à criança correr riscos, de forma a não perder determinadas experiências (Pound, 2014).

PARTE II: ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1. Enquadramento e questões de investigação

Ao analisar o tempo que as crianças passavam no exterior, bem como a qualidade deste espaço, na instituição que frequentam, no que respeita a elementos naturais, verificou-se a necessidade de implementar um projeto que lhes possibilita-se um contacto e exploração direta da natureza, permitindo aliar o brincar livre, o desenvolvimento de competências sociais e a sustentabilidade ambiental, a par da sensibilização das famílias para a importância desta conexão. Partindo da questão “*o brincar livre na natureza promove uma relação positiva da criança com os elementos naturais, bem como oportunidades de socialização significativas?*”, este projeto centrou-se em três eixos fundamentais: A relação da criança com elementos naturais, as oportunidades de socialização em contexto natural e a compreensão e desconstrução das perceções que as famílias têm sobre o brincar em contextos naturais, permitindo uma maior compreensão do tema.

2. Objetivos

Os objetivos procuram dar resposta ao que se pretende com este projeto e ao mesmo tempo são indicativos daquilo que se pode esperar com a intervenção. Assim, temos como objetivo geral:

- Aumentar, na criança, o conhecimento e atitudes de proteção face ao ambiente e desenvolver as suas competências pessoais e sociais através do brincar livre na natureza.

E como objetivos específicos:

- Contribuir para o desenvolvimento pessoal e social das crianças, ajudando-as a perceber os benefícios que proteger e cuidar do Ambiente traz para a sua própria saúde e bem-estar;

- Proporcionar uma forte empatia com o meio natural através da exploração e descoberta de elementos naturais (plantas, animais, sons, cheiros...);

- Despertar comportamentos e atitudes positivas perante o Ambiente, compreendendo a importância dos recursos naturais e sua preservação;

- Desenvolver a cooperação e o respeito pelas pessoas, assim como o pensamento crítico, a capacidade de resolver problemas e de questionar os fenómenos da Natureza através da sua observação e participação direta;
- Envolver as famílias no Projeto, desconstruindo estereótipos e sensibilizando-as para a importância e vantagens de uma Educação na Natureza.

3. População- Alvo

O projeto destinou-se a crianças entre os 2 e os 6 anos de idade que frequentavam uma instituição privada no concelho de Coimbra. As crianças nesta faixa etária encontram-se numa fase especial da sua vida, um momento excecionalmente propício à aprendizagem; São crianças residentes em meio urbano, com poucas possibilidades de explorar, diariamente, contextos naturais. O espaço exterior da Instituição que frequentam é limitado e não possui elementos naturais. O local para a realização do projeto, foi gentilmente cedido pelo Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e o transporte assegurado pela Junta de Freguesia de S. Martinho do Bispo e Clube Desportivo Vigor da Mocidade, resultaram de parcerias, determinantes para a sua concretização.

4. Instrumentos

Os instrumentos utilizados no estudo (questionários, entrevistas, diário de bordo, escala de aptidões sociais –EAS- e registo fotográfico) baseiam-se na convicção de que para melhor compreender as ações, experiências e perceções das crianças, é necessário entrarmos no seu mundo, assumindo uma postura próxima delas, escutando-as, observando-as e estabelecendo um diálogo com elas (Engdahl, 2015). Houve alguma dificuldade em encontrar instrumentos, já validados, que avaliassem as competências e comportamentos de crianças desta faixa etária (2 aos 6) ou que pudessem ser utilizados para as questionar numa linguagem que compreendessem. Assim, optou-se por construí-los, adaptando-os de outros já existentes e validados. De referir ainda que a observação dos comportamentos das crianças foi uma constante em todas as sessões.

4.1. Questionário às mães e pais

O questionário inicial às famílias (anexo 2) teve como objetivo compreender melhor o seu posicionamento e entendimento sobre a importância do contacto com a natureza no desenvolvimento e bem-estar da criança. É constituído por três grupos de questões. No primeiro grupo são apresentadas 6 questões sobre a perceção da importância do brincar na natureza. O segundo grupo é dividido em duas secções: uma com quatro perguntas e outra com duas, todas relativas à frequência de contacto com a natureza. Por último, no terceiro grupo existem três questões de resposta aberta que pretendem registar os motivos que as famílias acreditam ser responsáveis pela alienação da natureza. No questionário final, o último grupo é substituído por questões de avaliação do projeto (anexo 3).

4.2. Entrevista às crianças

A entrevista realizada a cada uma das crianças (anexo 4) teve como principal objetivo perceber as ideias que têm sobre a natureza e a forma como se relacionam com ela. Divide-se em cinco grupos, cada um deles representativo de uma categoria. O Grupo 1 é constituído por cinco questões de resposta aberta e diz respeito às experiências na natureza. O Grupo II, com oito questões, relaciona-se com o gosto pela natureza. O Grupo III, pretendeu avaliar a empatia por outros seres vivos e é constituído por cinco questões. No Grupo IV, as cinco questões relacionam-se com o sentido de pertença e por último, o Grupo V, é constituído por 4 questões sobre o sentido de responsabilidade.

4.3. Diário de Bordo

O diário de bordo (anexo 5) é reconhecido pela comunidade científica como sendo um instrumento de recolha de dados utilizado em investigações qualitativas (Alves, 2004). Foi utilizado como forma de registar o dia-a-dia do projeto, permitindo refletir sobre as práticas com vista à sua melhoria. Alves (2004) defende que o diário de bordo serve para preservar as vivências e as perceções dos factos, evitando que a memória os possa alterar com o passar do tempo.

4.4. Escala de Aptidões Sociais (EAS)

A Escala de Aptidões Sociais (EAS) é parte integrante das Escalas Comportamentais para Crianças em Idade Pré-Escolar – PKBSpt. Estas escalas resultam da tradução e adaptação do *Preschool and Kindergarten Behavior Scale – PKBS -2*, para a língua portuguesa por Gomes, Pereira e Merrel, em 2009 (Gomes & Pereira, 2014). A EAS encontra-se validada para a população portuguesa e apresenta alta consistência interna. É constituída por 29 itens, divididos por três dimensões: cooperação social, interação social e autonomia social; A Escala de Aptidões Sociais bem como todas as instruções do seu preenchimento apresentam-se no anexo 6.

4.5. Registo Fotográfico

O registo fotográfico, utilizado como forma de documentar as diversas sessões do projeto, proporciona a reflexão das pessoas adultas envolvidas. Assume também um papel fundamental na partilha com as famílias, envolvendo-as e permitindo-lhes o conhecimento do dia-a-dia das crianças no Jardim Botânico.

5. Atividades realizadas no Projeto

A tabela 1 apresenta as atividades realizadas no projeto. O Cronograma com as atividades planeadas integra o anexo 1.

Oficina de formação com a equipa educativa
Sessão de esclarecimento às famílias
Criação da página “Brincar na natureza 2017” (facebook) e grupo secreto com as famílias
Implementação de oito sessões com as crianças: Brincar na Natureza

Tabela 1 – atividades realizadas no Projeto

Na sessão que houve com toda a equipa educativa, foram explicitados os objetivos do projeto, o modo como se ia desenvolver, o papel das educadoras e auxiliares que estariam no terreno, a par de outros aspetos práticos. Na semana seguinte realizou-se uma sessão destinada às famílias onde, para além da informação sobre o projeto, incluindo aspetos práticos, se pretendeu sensibilizar pais e mães para a importância do brincar na natureza. Ambas as sessões contemplaram uma pequena atividade, onde cada participante escolheu uma imagem relacionada com a sua perspetiva de

educação, o que mais valoriza na educação das crianças, o que mais valoriza como valores no crescimento das crianças, tendo mencionado o porquê da sua escolha. No que diz respeito às sessões na mata do Jardim Botânico, com as crianças, este projeto não teve atividades estruturadas, deixando que cada sessão fosse guiada e construída pelo próprio grupo e a sua curiosidade. As atividades que surgiram ao longo das sessões, sempre através do brincar livre das crianças, explorando todo o meio envolvente, foram registadas em Diário de Bordo (anexo 4). Logo na primeira sessão, estabeleceram-se com as crianças, cinco orientações base para brincar na natureza, a saber: *i)* Respeitar a natureza (não “magoar” os animais, não arrancar/pisar plantas, não estragar as “casas” dos animais...); *ii)* Respeitar as indicações das pessoas adultas que as acompanhavam - educadoras e assistentes operacionais – (no que respeita a questões de segurança, espaços que podem ou não ser usados,...); *iii)* ser simpático/a e amigo/a dos e das colegas; *iv)* não se afastar do grupo (para sítios onde não seja visto/a ou não veja os/as colegas e/ou pessoas adultas); *v)* Divertir e brincar! A riqueza do espaço, a dinâmica da própria natureza que, não sendo estanque permitiu experiências muito variadas, as motivações e interesses das próprias crianças, bem como a sua fantástica criatividade, permitiu que as vivências fossem muito variadas. Da parte da manhã as crianças tinham à sua disposição para brincar, apenas aquilo que a natureza lhes oferecia, enquanto que, da parte da tarde podiam recorrer ao baú dos materiais, que continha copos graduados, recipientes de vários tamanhos, varetas, fita métrica, funil, bússola, binóculos, lupas, óculos de proteção, pinças, entre outros. Os espaços e caminhos a percorrer, em cada momento, foram sempre escolhas das próprias crianças. As atividades que surgiram foram bastante diversificadas, tais como, observação de insetos, audição de sons, exploração das cores e cheiros das flores, descoberta de trilhos, observação das paisagens sobre a cidade (usando o miradouro). Observação das árvores e frutos do pomar, bem como a sua mudança de cor, textura e consistência, exploração dos frutos encontrados no chão. Jogos de faz-de-conta usando elementos naturais: paus para fogueiras, espadas, varinhas mágicas, material de maquilhagem; terra e água para os bolos, gelatina, carne, sopa e comida no geral...Realização de “concertos” musicais com utilização de folhas, bambus e pedras. Recolha e medições da água, utilizando copos graduados e recipientes; experimentação e verificação do resultado

tendo permitido, por exemplo, a exploração de conceitos como cheio/vazio; recolha de pequenos elementos naturais para levar para a creche e/ou casa; exploração das plantas - árvores e arbustos - utilizando lupas, observação de pássaros e borboletas utilizando binóculos. Piqueniques, onde as crianças escolhiam o lugar para a sua realização. Algumas das questões levantadas pelas crianças, durante as atividades em que se envolviam, foram aproveitadas para a criação de projetos em contexto de sala. As crianças foram acompanhadas por duas educadoras responsáveis e uma assistente operacional em regime de rotatividade, para que todas as funcionárias da instituição participante tivessem oportunidade de contactar com o projeto. A postura assumida pelas educadoras permitiu sempre a liberdade de escolha das crianças, incentivando a sua autonomia, encorajando a descoberta e a resolução de problemas.

6. Procedimentos e considerações éticas

A investigação respeitou a dignidade, bem-estar e todos os direitos das crianças, respeitando as recomendações da UNICEF (Graham et al, 2013) em Ethical Research Involving Children. Assim, em todos os momentos deste projeto, os interesses das crianças foram ouvidos e a sua participação, nomeadamente, nas escolhas na construção de conhecimento e no processo de avaliação, foi uma constante. Todas as crianças participaram numa breve apresentação do projeto, numa linguagem adaptada à sua faixa etária. Foram questionadas se queriam participar ou não, tendo todas respondido afirmativamente. No entanto, devido à faixa etária das crianças, a decisão final coube aos seus representantes legais (pais e mães). Antes de ser solicitado o consentimento (anexo 7), as famílias participaram numa sessão onde obtiveram todas as informações em linguagem clara, para que pudessem compreender os objetivos, métodos e divulgação dos resultados da pesquisa. Toda a documentação entregue às famílias era clara e referia a confidencialidade e possibilidade de desistência a qualquer momento. Foi também entregue um consentimento para o registo áudio e visual das sessões como se pode ver no anexo 8, e um folheto que sintetizava alguma informação (anexo 9). Importa ainda referir que esta investigação acautelou sempre as questões de segurança, não tendo apresentado qualquer risco para a vida, saúde ou bem-estar das crianças e famílias.

**PARTE III: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS
RESULTADOS**

1. Apresentação e análise dos Resultados

No que diz respeito à entrevista realizada às crianças, verificou-se que todas afirmam que costumam brincar “lá fora”. Numa fase inicial, quando questionadas sobre “o que é a natureza”, N=7 crianças responderam *que não sabiam* e as restantes dividiram-se entre os *animais, nuvens, céu, sol, mãe, pai, pássaros*. No final, quando confrontadas com as mesmas questões, apenas N=3 crianças responderam *que não sabiam*. As restantes respostas dividiram-se entre *árvores, animais, pais, pedras, água, folhas, meninas e meninos, frutos, flores, bambus, borboletas, minhocas, pombas, árvores com flores, árvores com frutos, céu, amigos, comida para os animais*. A maioria das questões do Grupo II, relacionadas com o gosto pela natureza, foram respondidas de forma afirmativa. Apenas na questão 7 - Gostas de mexer na terra e ficar com as mãos sujas? - e na questão 8 - Gostas de brincar “lá fora” quando está mau tempo? – se constatou que N=7 crianças responderam *que não gostam de ficar com as mãos sujas* e N=5 *que não gostam de brincar “Lá fora” quando está mau tempo*. Após a realização do projeto, somente, N=2 continuam a *não gostar de ficar com as mãos sujas* e N=1 a *não gostar de brincar “lá fora” quando está mau tempo*. O grupo III - Empatia pelas criaturas – revela que, para a maioria das crianças, a empatia já era uma realidade, no entanto, na questão 2, verificou-se inicialmente que N=3 crianças afirmaram *não ficar tristes quando um animal se magoava* e N=5 crianças, na questão 3 deste grupo, *não gostavam de mexer em animais e plantas*. No final do projeto, todas as respostas foram positivas. No que diz respeito ao sentido de pertença (Grupo IV), antes do projeto iniciar, verificou-se que N=3 crianças afirmavam que *os meninos e as meninas não fazem parte da natureza*; N=10 crianças acreditavam que *podemos viver sem plantas* e N=9 *sem animais*; N=6 *tinham medo de estar na floresta*. No final do projeto, apenas N=1 criança afirmou que *podemos viver sem animais e plantas, e o medo de estar na floresta* diminuiu para N=4 crianças em vez de N=6 iniciais. Por último, no grupo V – Sentido de responsabilidade, N=13 crianças responderam inicialmente que *podiam arrancar flores quando lhes apetecia* e N=6 *que podiam fazer mal aos animais*. Quando questionadas sobre o assunto, no final do projeto, apenas N=1 continuou a

afirmar que *pode arrancar flores quando lhe apetece* e todas acreditavam que *não podem fazer mal aos animais*.

A Subescala de Aptidões Sociais, depois de analisada, permitiu compreender que existe um aumento entre os valores iniciais e finais, de cada uma das três dimensões (Cooperação Social, Interação Social e Autonomia Social). Assim, no que respeita a aptidões sociais, houve a registar uma evolução positiva no desenvolvimento das crianças, como consta nos gráficos 1, 2 e 3, abaixo apresentados. Também a observação de comportamentos das crianças ao longo das sessões permitiu registar diversas competências sociais adquiridas ou fortalecidas, descritas no ponto 2 deste capítulo.

Gráfico 1 –

Subescala Aptidões Sociais:
Dimensão da Cooperação
Social

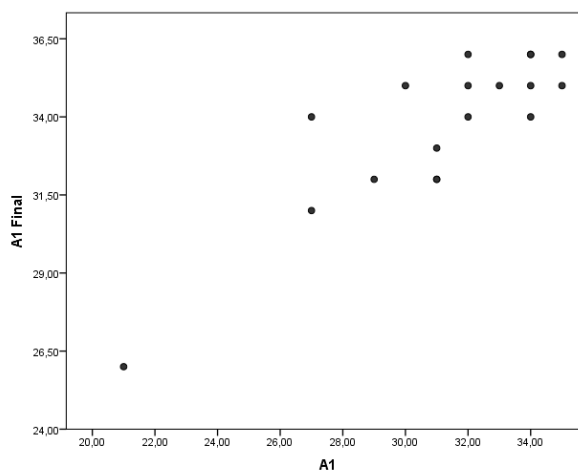


Gráfico 2 –

Subescala Aptidões
Sociais: Dimensão da
Interação Social

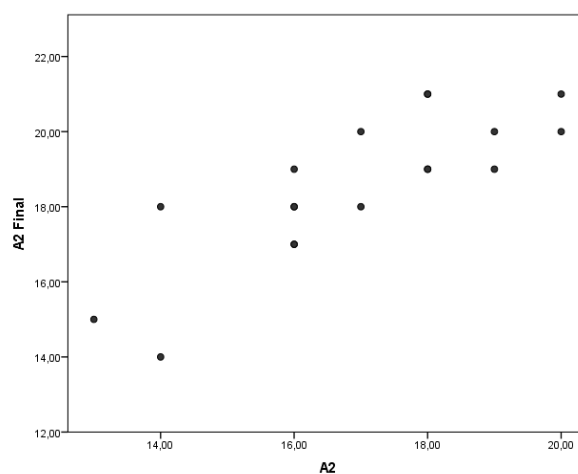
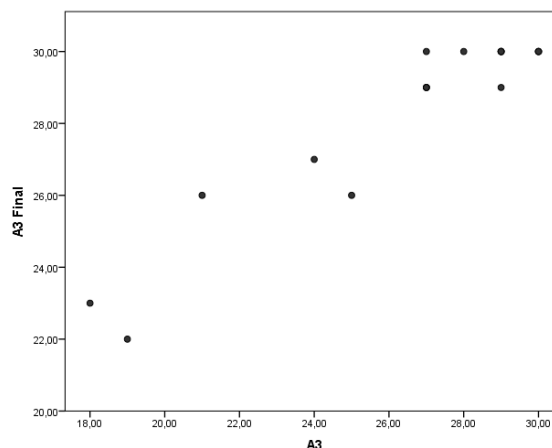


Gráfico 3 –
Subescala Aptidões
Sociais: Dimensão da
Autonomia Social



As famílias, quando questionadas em relação aos principais motivos para as crianças não brincarem no exterior com frequência, indicaram maioritariamente três: N=14 famílias referiram *os horários* (trabalham muitas horas, rotinas,...); N=13 famílias indicam *a falta de condições* (viver em prédios, não haver espaços naturais perto, espaços com pouca qualidade, falta de segurança,...). N=7 famílias defendem que *o aumento da utilização da tecnologia pelas crianças diminui o interesse destas por brincadeiras no exterior*. Numa fase inicial, N=10 delas afirmaram que *não existem instituições/entidades na comunidade onde vivem que proporcionem programas para famílias e crianças poderem brincar em espaços naturais*, enquanto que, no final, apenas N=7 responderam negativamente. Quando questionadas em relação à “frequência atual, com que o/a seu/sua educando/a brinca em contexto natural (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...) durante a semana, focando-se no dia-a-dia familiar”, verificou-se que houve um aumento no número de vezes que as crianças passaram a brincar neste contexto.

1 vez	9
2 vezes	5
3 vezes	1
4 vezes	0
Mais de 4 vezes	2
Total	17

**Tabela 2: Questionário inicial às famílias
Grupo II – 2.1**

1 vez	6
2 vezes	4
3 vezes	6
4 vezes	0
Mais de 4 vezes	2
Total	18

**Tabela 3: Questionário final às famílias
Grupo II – 2.1**

Na questão “com que frequência o/a seu/sua educando/a brinca em contexto natural (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...) ao fim de semana?”, deparamo-nos

novamente com o aumento do número de vezes que as crianças passam a brincar na natureza, como nos mostram as tabelas 3 e 4:

1 vez	5
2 vezes	7
3 vezes	2
4 vezes	0
Mais de 4 vezes	4
Total	18

**Tabela 4: Questionário inicial às famílias
Grupo II – 2.2**

1 vez	1
2 vezes	6
3 vezes	3
4 vezes	3
Mais de 4 vezes	5
Total	18

**Tabela 5: Questionário final às famílias
Grupo II – 2.2**

Na perspetiva das famílias *esta iniciativa contribuiu, em primeiro lugar, para uma maior empatia da criança em relação ao ambiente, explorar e conhecer elementos naturais*, com todas as famílias a responderem afirmativamente. É registado *um maior bem-estar das crianças* (N=17 famílias responderam positivamente), seguido do *desenvolvimento de atitudes positivas e de proteção ao ambiente*, com N=16 famílias a apontar este ponto como um benefício do projeto. N=12 famílias encontraram *contributos no desenvolvimento de aptidões sociais*, assim como *na cooperação e respeito entre as crianças*. Em relação a *contribuir para melhor a saúde da criança* houve uma grande divisão de opiniões, com N=9 famílias a defender que sim e N=9 a dizer que não. Quanto ao *desenvolvimento do espírito crítico e a capacidade de resolver problemas*, N=10 famílias consideram que houve melhorias, enquanto N=8 dizem que não.

2. Discussão dos Resultados

A observação realizada em cada sessão permitiu uma melhor compreensão e leitura do comportamento das crianças quando brincam em contexto natural. O Diário de Bordo permitiu sintetizar os registos dessa observação. Alguns dos resultados observados encontram registo também nas próprias entrevistas realizadas às crianças e na diferença entre as respostas dadas numa fase inicial, em que o contacto com a natureza não era tão forte e mais tarde na fase final, após a realização do projeto. Um dos aspetos mais vincado foi a capacidade crescente de identificação de elementos que fazem parte da natureza, a sua utilização nas brincadeiras e o aumento de vocabulário relacionado. Registamos também a evolução positiva no que diz respeito

ao gosto pela natureza, empatia pelas criaturas, sentido de pertença e sentido de responsabilidade, onde em apenas oito semanas foi notória a modificação de comportamento e respeito das crianças face ao ambiente que as envolvia demonstrado através de expressões simples ditas entre elas como *não podemos arrancar as plantas, só podemos brincar com as folhas soltas, não pisem as formigas*, ou *encontrei um caracol sem cabeça*. Também a capacidade de levantar questões e encontrar respostas foi observada em vários momentos, como por exemplo numa situação em que uma abelha apareceu no chão, sem conseguir levantar voo. As crianças aproximavam-se, observavam com atenção, *perguntavam o que teria acontecido, porque é que ela não conseguia voar, onde estavam as outras abelhas*. E entre elas encontravam as respostas: *talvez tenha as asas molhadas, se calhar tem uma asa partida, precisa de comer para ter força*. Desta situação surgiu um novo projeto sobre as abelhas para explorar em sala. Na impossibilidade de passar a semana completa na natureza, a riqueza das descobertas que as crianças realizam no exterior pode e deve ser aproveitada e transportada para contexto de sala, continuando a explorar as situações/temas, aproveitando o interesse e motivação das crianças, que realizam assim aprendizagens muito mais significativas.

A subescala utilizada para medir a evolução das aptidões sociais das crianças foi um bom instrumento para sintetizar resultados mas foi através da observação dos comportamentos das crianças ao longo das sessões que foi possível ver a sua enorme evolução. A cooperação entre as crianças que se auxiliavam entre si a subir e a descer percursos ou escadas, a atravessar passagens irregulares, ou simplesmente quando algumas estavam cansadas e precisavam de um incentivo para continuar, foi um dos aspetos mais significativos e crescentes ao longo do projeto. A proteção das crianças mais velhas às mais novas, tentando passar regras de segurança ou apenas motivar para comportamentos amigos da natureza também esteve presente. Muitas vezes se ouviu *Não podes pôr isso na boca, não podemos pôr as coisas que estão no chão na boca!*, *não podes ir para aí porque os adultos têm de ver primeiro se não há perigo* (quando nos deslocávamos a espaços novos, as educadoras e assistente operacional, faziam o reconhecimento da área de modo a localizar potenciais perigos e fazer a sensibilização necessária às crianças). Crianças que habitualmente na

instituição não brincam juntas, aproximaram-se mais nas brincadeiras e faziam convites entre si para novas explorações ou apenas para ver algo que lhes chamava a atenção. Muitas vezes as crianças definiam objetivos comuns e trabalhavam em equipa para os atingir, como por exemplo para encontrar insetos ou descobrir flores de várias cores. O saber esperar pela sua vez e respeitar o espaço do outro também foram competências que as crianças desenvolveram nas explorações que elas próprias propunham.

A motivação e atenção com que se envolviam nas explorações e brincadeiras é outro aspeto a sublinhar, assim como a iniciativa que tinham para as iniciar. O facto de não serem guiadas, deu-lhes liberdade, autonomia e imaginação para disfrutarem, à sua maneira, do espaço e dos recursos disponíveis. O jogo simbólico tornou-se mais rico. A utilização de elementos naturais e o facto de estes não serem limitadores da imaginação, proporcionou o aparecimento de “histórias” mais elaboradas, conversas com utilização de vocabulário específico para cada tema. Foram vários os temas de brincadeiras de faz-de-conta que surgiram, desde monstros e crocodilos, fogueiras e confeção de alimentos, mágicos e feiticeiros, pássaros e dragões, salão de beleza com direito a maquilhagem de produtos naturais, entre outros. A utilização dos materiais naturais ao sabor da sua imaginação, permitiu atribuir-lhe diferentes sentidos e significados, explorando-os de diversas formas e mobilizando conhecimentos de várias áreas (matemática, ciências naturais, expressões, entre outras).

Os conflitos entre crianças foram praticamente inexistentes durante o tempo em que se encontravam no Jardim Botânico. A dimensão do espaço, a variedade de recursos disponíveis e a cooperação que se estabeleceu entre as crianças podem ajudar a justificar esse facto. As crianças tinham acesso a alguns materiais de exploração como bússolas, binóculos, recipientes, medidores, pinças, fitas métricas, tubos de ensaio, entre outros. O uso que lhes davam era variado. Nos dias em que a natureza permitia a existência de água, foram explorados conceitos de medida, enchendo e medindo recipientes: qual levava maior ou menor quantidade de água. Com as fitas métricas as crianças mediam também a largura dos troncos das árvores, o tamanho dos paus,... e faziam comparações. Foram também realizadas medições da sua altura, com a utilização apenas de paus e pedras (para marcação).

De uma forma geral, quando confrontados com a questão “o que gostas de fazer quando estás lá fora?” a resposta foi maioritariamente *brincar*. Esse brincar permite-lhes liberdade de movimentos, liberdade de pensamento, liberdade para se expressarem, criarem e fazerem as suas próprias escolhas, liberdade para construírem o próprio conhecimento, ao seu ritmo...liberdade para sorrirem e crescerem felizes.

No que diz respeito às educadoras que acompanharam o grupo, mostraram-se muito satisfeitas com a experiência, assim como a diretora da instituição que pretende dar continuidade ao projeto no próximo ano letivo e nos seguintes. Foi questionado às educadoras “o que mudou na sua prática com a realização deste projeto?”, tendo elas referido *uma maior capacidade de observação de comportamentos sem intervir ou direcionar a aprendizagem das crianças, esperando que a iniciativa partisse delas. Maior tolerância aos riscos e desafios que as crianças encontram no espaço natural, sem adotar uma postura de superproteção, dando espaço às crianças para resolverem os problemas por si*. Foi também referido *um sentimento de maior bem-estar durante as sessões e fortalecimento dos laços estabelecidos com as crianças*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este projeto de intervenção tem-se consciência que o papel de todas as pessoas que nele participaram (anexo 12) foi essencial para a sua realização, e a certeza que é possível realizar projetos deste tipo com recurso a parcerias e sem custos financeiros adicionais. Consideramos fundamental que tanto a equipa educativa como as famílias sejam sensibilizadas para a temática, antes da implementação deste tipo de projetos. A postura e intervenção das educadoras, a sua motivação, a forma como reagem às diversas situações no exterior, têm influência no bem-estar e nas experiências vividas pelas crianças. Bilton, Bento e Dias (2017) afirmam que em contexto exterior, a observação e reflexão devem ser constantes, de forma a recolher informação e/ou levantar questões que progressivamente permitem melhorar a ação educativa.

De realçar que a cooperação estabelecida entre as famílias e a instituição, permitiu sempre uma forte comunicação e partilha, fundamental quando se trabalha com crianças pequenas. A sensibilização das famílias, bem como o seu envolvimento neste tipo de projeto é essencial, pois é através dos processos de imitação e identificação delas que as crianças adquirem muitos dos padrões de comportamento, como atitudes e valores. No caso deste projeto específico o balanço e feedback das famílias foi muito positivo com todas elas a pedirem a continuidade no próximo ano letivo. N=17 famílias avaliaram o projeto como *muito bom* e N=1 como *bom*, referindo muitas vezes o *entusiasmo das crianças, naquele dia, no caminho para a instituição e no final do dia querendo contar as experiências vividas*. O facto de as famílias poderem acompanhar o projeto através do grupo e da página de Facebook (anexo 11) criados para o efeito e onde eram partilhadas as fotos e descrita cada uma das sessões, ajudou a que estas se sentissem parte dele e se mantivessem motivadas durante as oito semanas. O grupo era restrito às famílias das crianças participantes, enquanto a página foi seguida por 239 pessoas. Ao contrário do esperado, não foi encontrada oposição à ida das crianças para o Jardim Botânico com condições atmosféricas menos favoráveis, nem reações negativas à roupa suja ou possíveis acidentes que pudessem acontecer. As famílias mostraram-se também disponíveis para adquirir o vestuário adequado às condições atmosféricas, pelo que a utilização de galochas e roupa impermeável em dias de chuva não foi um problema, reforçando a ideia que se trabalharmos com as família, estabelecendo com elas uma relação de confiança, e lhes dermos as bases para compreenderem os benefícios que este tipo de iniciativa possibilita ao desenvolvimento e bem-estar das crianças, os receios são ultrapassáveis e ganhamos o seu apoio.

As crianças continuam a demonstrar um grande interesse por animais e elementos naturais que vão surgindo no pequeno espaço exterior da instituição. Muitas vezes brincam ao *faz-de-conta que estamos no Jardim Botânico* e utilizam vocabulário ligado à natureza frequentemente. Alguns desenhos das crianças são representativos dos momentos vividos neste projeto, como são exemplo as telas do anexo 10.

Bilton, Bento e Dias (2017) defendem que as crianças devem ter oportunidades de brincar no exterior, enfrentando novos desafios e aventuras, fugindo ao tradicional modelo de educação onde as atividades são propostas pelas pessoas adultas. As descobertas realizadas no exterior podem ser aproveitadas e transportadas para contexto de sala, continuando a explorar situações/temas, aproveitando o interesse e motivação das crianças proporcionando-lhes, assim, aprendizagens mais significativas; Louv (2005) chega mesmo a afirmar que o futuro da educação passa pelo exterior. Assim, acreditamos que é fundamental que educadores e educadoras saiam das suas salas com as crianças, proporcionando-lhes o contacto com espaços naturais, observem-nas, conheçam e respeitem as suas capacidades, deixem-nas explorar, inovar, arriscar...deixem-nas brincar e crescer próximas do ambiente natural, com todos os benefícios que essa aproximação possibilita ao seu desenvolvimento e bem-estar. É fundamental ajudar as crianças a perceber de que forma podem proteger e cuidar do Planeta, e os benefícios que isso traz para a sua própria saúde, promovendo o desenvolvimento de competências que permitam a transposição de valores para atitudes. A Educação Ambiental tem de fazer parte da vida das crianças, seja através de um curriculum formal ou não formal. Governos e Organizações Não Governamentais devem mostrar como criar ambientes saudáveis, seguros e sustentáveis (WHO, 2010). As instituições de educação têm de assumir o seu papel e criar oportunidades para que todas as crianças possam aprender e disfrutar do contacto com a natureza. Também as instituições de formação de educadores/as e professores/as terão de estar atentas aos novos desafios, passando a valorizar nos currículos de formação inicial, contínua e pós graduada, a abordagem e vivência *in loco* de experiências na natureza.

O facto de as sessões na mata do Jardim Botânico serem apenas uma vez por semana condicionou a possibilidade de maior vivência das crianças no local pois apesar de haver continuidade em contexto de sala, a riqueza das descobertas e desafios que o exterior possibilita, não é comparável. Apesar da curta duração, realça-se, no entanto, os ganhos para o grupo de crianças que participaram, para as famílias, educadoras e assistentes operacionais. Acreditamos que será de todo o interesse os programas deste tipo serem de longa duração e com maior frequência. Também os benefícios

que podem ver investigados englobam áreas diversas. Por limitações de tempo e recursos, focamos o projeto na empatia e conexão com o meio envolvente e em competências sociais que servirão de base para um desenvolvimento da resiliência. No entanto existem benefícios a nível físico (diminuição do sedentarismo, aumento da atividade física), e de aprendizagem nas mais variadas áreas (ciências naturais e sociais, matemática, expressões, literatura) que devem ser estudados de forma a perceber qual a importância real que projetos de educação *outdoor* proporcionam à vida das crianças, e de que forma podem ser implementados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, C. (2013). *Inteligência Emocional em Crianças com Dificuldades de Aprendizagem: Uma Perspetiva Educativa*. Lisboa
- Antunes, M. (2008). *Educação, saúde e desenvolvimento*. Coimbra, Almedina.
- Bilton, H., Bento, G. & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto: Porto Editora.
- Bisquerra, R. (2016). *Educación emocional*. Documento inédito elaborado para las I Jornadas del Máster en Resolución de Conflictos en el Aula. Acedido a 6 de janeiro de 2017, em <http://online.ucv.es/resolucion/files/Bisquerra-R.-2016.-Educaci%C3%B3n-emocional.pdf>
- Bixler, R., Floyd, M. & Hammit, W. (2002). Environmental socialization – quantitative tests of the childhood play hypothesis. *Environment and Behavior*, 36 (6), 797-818. DOI: 10.1177/001391602237248.
- Botelho, A. (2012). *O treino das competências sociais e a aprendizagem numa perspetiva inclusiva*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Burdette, H. L., & Whitaker, R. C. (2005). Resurrecting free play in young children. *Archive of Pediatric and Adolescent Medicine*, 159, 46-50.
- Cheng, J. & Monroe, M. (2012). Connection to Nature: Children's Affective Attitude Toward Nature. *Environment and Behavior* 44(1) 31–49.
- Coelho, A., Vale, V., Bigotte, E., Ferreira, A., Duque, I. & Pinho, L. (2015). Oferta educativa outdoor como complemento da educação pré-escolar: os benefícios do contacto com a natureza. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 10. DOI: 10.17979/reipe.2015.0.10.585

- Crisp, L., Berwick, D., Kickbusch, I., Bos, W., Antunes, J., Barros, P. & Soares, J. (2014). Um futuro para a saúde – todos temos um papel a desempenhar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DGS (2015). Plano nacional de saúde- revisão e extensão a 2020. Acedido a 1 de novembro de 2016, em <http://pns.dgs.pt/files/2015/06/Plano-Nacional-de-Saude-Revisao-e-Extensao-a-2020.pdf.pdf>.
- EEA (2015). The european enviroment - state and outlook 2015: synthesis report. Copenhagen: European Environment Agency. Acedido a 1 de novembro de 2016, em <http://www.eea.europa.eu/soer-2015/synthesis/report>
- Engdahl, I. (2015). Early childhood education for sustainability: The OMEP world project. *International Journal of Early Childhood*, 47(3), 347-366. doi:10.1007/s13158-015-0149-6
- Erickson, D. & Ernst, J. (2011). The real benefits of nature play every day. *NACC Newsletter*, 97-100.
- Ferreira, D. (2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 12-13.
- Figueiredo, A. (2010). Espaços do brincar em contextos de infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 35-37.
- Gaspar, M. (2010). Brincar e criar zonas de desenvolvimento próximo: A voz de Vygotsky. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 8-10.
- Ginsburg, K. (2007). The importance of play in promoting healthy child development and maintaining strong parente-child bonds. *Pediatrics*, 119 (1). DOI:10.1542/peds.2006-2697.
- Gomes & Pereira (2014). Escalas comportamentais para crianças em idade pré-escolar – PKBSpt: manual. Aveiro: UA Editora
- Graham, A., Powell, M., Taylor, N., Anderson, D. & Fitzgerald, R. (2013). Ethical Research Involving Children. Florence: UNICEF Office of Research
- Grotberg, E. (1995). A guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit. Netherlands: Bernard van Leer Foundation.
- Jones, D., Greenberg, M., & Crowley, M. (2015). Early social-emotional functioning and public health: the relationship between kindergarten social competence and future wellness. *American Journal of Public Health*. 105/11 2283-2290
- Kuo, F. (2010). Parks and Other Green Environments: Essential Components of a Healthy Human Habitat. Ashburn, VA: National Recreation and Park Assotiation. Acedido a 26 de abril de 2016, em

http://www.nrpa.org/uploadedFiles/nrpa.org/Publications_and_Research/Research/Papers/MingKuo-Research-Paper.pdf.

- Lindstrom B. & Eriksson, M. (2008). A salutogenic interpretation of the Ottawa Charter. *Health Promoting* 23 (2), 190-9.
- Loureiro, I., & Miranda, N. (2010). *Promover a Saúde: dos fundamentos à acção*. Coimbra: Almedina.
- Louv, R. (2005). *Last child in the woods: saving our children from nature-deficit disorder*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books of Chapel Hill.
- Malone, K., Birrel, C., Boyle, I. & Gray, T. (2015). *Wild nature play-Researching OOSH in the Bush*. University of Western Sydney. Acedido a 5 de novembro de 2016 em http://www.uws.edu.au/cer/research/research_reports
- Maranhão, D. (2010). *Saúde e bem-estar das crianças – uma meta para educadores infantis em parceria com familiares e profissionais de saúde*. ANAIS do I seminário nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, Brasil.
- Marotz, L. (2015). *Health, safety and nutrition for the young children*. Stamford: Cengage Learning.
- Milteer, R. & Ginsburg, K. (2012). *The importance of play in promoting healthy child development and maintaining strong parent-child bond: focus on children in poverty*. *Pediatrics*, 129 (1). DOI:10.1542/peds.2011-2953.
- Ministério da Educação (2006). *Educação para a cidadania: guião de educação para a sustentabilidade - Carta da Terra*. Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Acedido a 1 de novembro de 2016, em <http://www.rcc.gov.pt/SiteCollectionDocuments/ECTG-EducCidadania-2006.pdf>.
- Moore, R. & Marcus, C. (2008). *Healthy planet, healthy children: designing nature into the daily spaces for childhood*. In S. Kellert, J. Heerwagen & M. Mador (Eds.), *Biophilic design: the theory, science, and practice of bringing buildings to life*. Hoboken, NJ: Wiley 153-203.
- Moreira, P. (2004). *Ser professor: competências básicas 3. Emoções positivas e regulação emocional. Competências sociais e assertividade*. Coleção Crescer a brincar. Porto: Porto Editora.
- Morgan, A., & Aleman-Diaz, A. (2016). *Measuring what matters for young people's health and well-being: an asset approach*. *Learning for Well-being Magazine*, (1).
- Moss, S. (2012). *Natural childhood*. United Kingdom: The National Trust.

- Munist, M. et al (1998). Manual de identificación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes. Organización Panamericana de la salud.
- Mustapa, N., Maliki, N., & Hamzah, A. (2015). Repositioning Children's developmental needs in space planning: a review of connection to nature. *Procedia – Social and Behavioral Sciences* 170, 330-339.
- Nicollier, V. (2005). Nos Rastros da Inteligência Naturalista – Novas teorias cognitivas aplicadas à educação ambiental. Tese de mestrado apresentada à Universidade Estadual de Santa Cruz.
- Norrdahl, K. (2008). What might early childhood education for sustainability look like? In I. Pramling & Y. Kaga (Eds), *The contribution of early childhood education to a sustainable society*. (Pp.73-80). United Nations Educational Scientific and Cultural Organisation (UNESCO). Acedido a 8 de maio de 2016, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001593/159355E.pdf>.
- Noronha, M., Cardoso, P., Moraes, T. & Centa, M. (2009). Resiliência: nova perspectiva na Promoção da Saúde da Família? *Ciência e Saúde Coletiva*, 14 (2),497-506.
- OMS (1978). Declaração de Alma-Ata. Primeira Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, Alma-Ata, URSS.
- OMS (1986). Carta de Ottawa para a Promoção da Saúde. Primeira Conferência Internacional sobre Promoção de Saúde. Ottawa, Canadá
- OMS (1991). Declaração de Sundsvall sobre Ambientes Favoráveis à Saúde. Terceira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Sundsvall, Suécia.
- Owens, A. (2012). Health, safety and wellbeing. Acedido a 6 de novembro de 2016, em http://www.earlychildhoodaustralia.org.au/nqsplp/wp-content/uploads/2012/05/NQS_PLP_E-Newsletter_No29.pdf
- Poppa, C. (2013). Sociedade Antroposófica no Brasil. Acedido a 11 de novembro de 2016, em <http://www.sab.org.br/portal/sabeventos/73-evento/resiliencia/176-dicas-para-promover-a-resiliencia-nas-criancas>
- Pound, L. (2014). *How children learn*. London, MA Education Ltd
- Pramling, I & Kaga, Y. (Ed). (2008). *The contribution of early childhood education to a sustainable society*.. United Nations Educational Scientific and Cultural Organisation (UNESCO). Acedido a 4 de novembro de 2016, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001593/159355E.pdf>

- Public Health England (2013). How healthy behaviour supports children's wellbeing. London. Acedido a 6 de novembro de 2016, em www.gov.uk/phe
- RMNO (2004). Health and Nature - The influence of nature on social, psychological and physical well-being. Acedido a 5 de novembro de 2016 em https://www.gezondheidsraad.nl/sites/default/files/Nature_and_health.pdf
- Rose, K., Morgan, I., Kifley, A., Huynh, S., Smith, W. & Mitchell, P. (2008). Outdoor activity reduces the prevalence of myopia in children. *Ophthalmology* 115(8): 1279-1285.
- Salci, M., Maceno, P., Rozza, S., Silva, D. Boehs, A. & Heidmann, I. (2013). Educação em Saúde e suas perspetivas teóricas: algumas reflexões. *Texto Contexto Enferm*, 22 (1): 224-30.
- Silva, D. (2011). Mais Saúde, Mais Vida - Projeto de Educação e Promoção para a Saúde. Universidade do Minho. Acedido a 30 de outubro, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20847>.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). Orientações curriculares para a Educação Pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-geral da Educação (DGE)
- Silva, M., Lunardi, V., Lunardi Filho, W., Tavares, K. (2005). Resiliência e promoção da saúde. *Texto Contexto Enferm*, 14, 95-102.
- Tiriba, L. (2010). Crianças da natureza. ANAIS do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas actuais. Belo Horizonte, Brasil.
- UNICEF (1989). Convenção dos Direitos da Criança.
- Vale, V. (2009). Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional. *Exedra* (2), 129-146.
- WHO (1998). Health Promotion Glossary. Geneva.
- WHO (2010). Parma Youth Declaration 2010. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe. Acedido a 28 de abril de 2017, em http://ec.europa.eu/health/healthy_environments/docs/parma_youth_en.pdf.

**ANEXO 1 – CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DO PROJETO BRINCAR
NA NATUREZA**

Sessões		Data			
		Abril	Maiο	Junho	Julho
1ª Fase	Oficina de formação com a equipa educativa: Crianças e Natureza				
	Sessão de esclarecimento às famílias: Crianças e Natureza – relação de sustentabilidade				
	Criação, no Facebook, da página "Brincar na natureza 2017" e do Grupo secreto para as famílias participantes				
2ª fase	Implementação e avaliação de oito sessões com as crianças: Brincar na Natureza				
3ª fase	Um Projeto para continuar? Avaliação do projeto, elaboração das conclusões e início da redação do relatório				

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO ÀS MÃES E AOS PAIS (AVALIAÇÃO INICIAL)

QUESTIONÁRIO ÀS MÃES E AOS PAIS

O presente questionário surge como instrumento de apoio à recolha de dados para o projeto *Brincar na Natureza*, realizado no âmbito do Mestrado em Educação para a Saúde, com o principal objetivo de conhecer a sua opinião e perspetivas sobre a importância do brincar em contexto natural (jardins públicos, campos, floresta, praia, rio, montanha...). O questionário é confidencial.

Não existem respostas certas ou erradas. Há 3 grupos de questões, que devem ser respondidas de acordo com as indicações dadas no início de cada grupo.

Agradeço, desde já, a colaboração!

Data: ____/____/____

Nome: _____

Questionário: _____

Grupo I – Perceções sobre a importância do brincar na Natureza

1. Indique sim ou não:

- 1.1. Considera importante passear com as crianças em espaços naturais (ex. praia, rio, campo, jardim público...)?
- 1.2. Considera que a criança aprende através do brincar livre na Natureza?
- 1.3. Costuma brincar com a sua criança em espaços naturais?
- 1.4. Considera que o brincar na Natureza deve fazer parte dos programas educativos das Instituições de Ensino?
- 1.5. Consegue identificar espaços naturais acessíveis e próximos da sua casa, para uma criança brincar?
- 1.6. Existem instituições/entidades na comunidade onde vive que proporcionem programas para famílias e crianças poderem brincar em espaços naturais?

SIM	NÃO

GRUPO II – Frequência do contacto com a Natureza

1. Focando-se nos últimos 12 meses, indique numa escala* de 1 a 5, [em que 1 é nunca e 5 corresponde a mais de 10 vezes], quantas vezes o/a seu/sua educando/a participou nas atividades descritas:

1 = nunca **3** = entre 4 a 6 vezes **5** = mais de 10 vezes
2 = entre 1 a 3 vezes **4** = entre 7 a 10 vezes

- 1.1.** Com que frequência o/a seu/sua educando/a brincou em espaços naturais (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...)?
- 1.2.** Com que frequência o/a seu/sua educando/a visitou espaços como jardim zoológico, parque biológico, oceanários, florestas, etc.?
- 1.3.** Com que frequência o/a seu/sua educando/a brincou em espaços naturais durante **a semana**?
- 1.4.** Com que frequência o/a seu/sua educando/a brincou em espaços naturais durante **o fim-de-semana**?

1	2	3	4	5

2. Atualmente, focando-se no dia-a-dia familiar, assinale com uma X a opção que mais se aproxima à realidade:

2.1 Com que frequência o/a seu/sua educando/a brinca em contexto natural (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...) **durante a semana**?

1 vez: _____ 3 vezes: _____ Mais de 4 vezes: _____

2 vezes: _____ 4 vezes: _____

2.2. Com que frequência o/a seu/sua educando/a brinca em contexto natural (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...) **ao fim de semana**?

1 vez: _____ 3 vezes: _____ Mais de 4 vezes: _____

2 vezes: _____ 4 vezes: _____

GRUPO III – Motivos de alienação da Natureza

1. O/a seu/sua educando/a tem as mesmas experiências na Natureza, que teve quando tinha a mesma idade? Porquê?

2. Indique, **3 razões** para as crianças, hoje em dia, não brincarem tanto no exterior.

3. Deseja acrescentar mais alguma informação ou fazer qualquer comentário/sugestão?

Muito obrigada pela colaboração! 😊

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO ÀS MÃES E AOS PAIS (AVALIAÇÃO FINAL)

QUESTIONÁRIO ÀS MÃES E AOS PAIS

O presente questionário surge como instrumento de apoio à recolha de dados para o projeto *Brincar na Natureza*, realizado no âmbito do Mestrado em Educação para a Saúde, com o principal objetivo de conhecer a sua opinião e perspetivas sobre a importância do brincar em contexto natural (jardins públicos, campos, floresta, praia, rio, montanha...). O questionário é confidencial.

Não existem respostas certas ou erradas. Há 3 grupos de questões, que devem ser respondidas de acordo com as indicações dadas no início de cada grupo.

Agradeço, desde já, a colaboração!

Data: ____/____/____

Nome: _____

Nº Questionário: _____

Grupo I – Perceções sobre a importância do brincar na Natureza

1. Indique sim ou não:

	SIM	NÃO
1.1. Considera importante passear com as crianças em espaços naturais (ex. praia, rio, campo, jardim público...)?		
1.2. Considera que a criança aprende através do brincar livre na Natureza?		
1.3. Costuma brincar com a sua criança em espaços naturais?		
1.4. Considera que o brincar na Natureza deve fazer parte dos programas educativos das Instituições de Ensino?		
1.5. Consegue identificar espaços naturais acessíveis e próximos da sua casa, para uma criança brincar?		
1.6. Existem instituições/entidades na comunidade onde vive que proporcionem programas para famílias e crianças poderem brincar em espaços naturais?		

GRUPO II – Frequência do contacto com a Natureza

1. Focando-se nos últimos 12 meses, indique numa escala* de 1 a 5, [em que 1 é nunca e 5 corresponde a mais de 10 vezes], quantas vezes o/a seu/sua educando/a participou nas atividades descritas:

1 = nunca 3 = entre 4 a 6 vezes 5 = mais de 10 vezes
 2 = entre 1 a 3 vezes 4 = entre 7 a 10 vezes

- 1.1. Com que frequência o/a seu/sua educando/a brincou em espaços naturais (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...)?
- 1.2. Com que frequência o/a seu/sua educando/a visitou espaços como jardim zoológico, parque biológico, oceanários, florestas, etc.?
- 1.3. Com que frequência o/a seu/sua educando/a brincou em espaços naturais durante **a semana**?
- 1.4. Com que frequência o/a seu/sua educando/a brincou em espaços naturais durante **o fim-de-semana**?

1	2	3	4	5

2. Atualmente, focando-se no dia-a-dia familiar, assinale com uma X a opção que mais se aproxima à realidade:

2.1 Com que frequência o/a seu/sua educando/a brinca em contexto natural (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...) **durante a semana**?

1 vez: _____ 3 vezes: _____ Mais de 4 vezes: _____

2 vezes: _____ 4 vezes: _____

2.2. Com que frequência o/a seu/sua educando/a brinca em contexto natural (ex. praia, rio, campo, jardim público, floresta...) **ao fim de semana**?

1 vez: _____ 3 vezes: _____ Mais de 4 vezes: _____

2 vezes: _____ 4 vezes: _____

GRUPO III – Avaliação do Projeto

Nos pontos seguintes, assinale com um X a resposta que melhor se adequa à sua situação.

1. O Projeto Brincar na Natureza correspondeu às suas expectativas?

Sim Não

Porquê? _____

2. Indique os pontos com os quais concorda, no que diz respeito aos resultados obtidos com o projeto, em relação ao/à seu/sua educando/a (podem ser selecionados tantos quanto os que concordar):

O projeto contribuiu para:	
<input type="checkbox"/>	...um maior bem-estar da criança
<input type="checkbox"/>	...melhorar a saúde da criança
<input type="checkbox"/>	...desenvolver as aptidões sociais da criança
<input type="checkbox"/>	...desenvolver a cooperação e o respeito pelas outras crianças
<input type="checkbox"/>	... desenvolver o espírito crítico e a capacidade de resolver problemas
<input type="checkbox"/>	... explorar e conhecer elementos naturais
<input type="checkbox"/>	...uma maior empatia da criança em relação ao ambiente
<input type="checkbox"/>	...desenvolver atitudes positivas e de proteção ao ambiente

3. Considera importante que o projeto Brincar na Natureza tenha continuidade no futuro?

Sim Não

4. De uma maneira geral, como avalia o projeto Brincar na Natureza?

Muito mau Mau Razoável Bom Muito bom

5. Deseja acrescentar mais alguma informação ou fazer qualquer comentário/sugestão? _____

Muito obrigada pela colaboração! 😊

ANEXO 4 – ENTREVISTA ÀS CRIANÇAS (AVALIAÇÃO INICIAL E FINAL)

ENTREVISTA ÀS CRIANÇAS

A presente entrevista surge como instrumento de apoio à recolha de dados para o projeto Brincar na Natureza, realizado no âmbito do Mestrado em Educação para a Saúde, com o principal objetivo de perceber as ideias que as crianças têm sobre a natureza e a forma como se relacionam com ela. As informações obtidas são de carácter confidencial.

Nº da Entrevista: _____

Data: ____/____/____

Nome da Criança: _____

Idade: _____

GRUPO I – Experiências de natureza

1. Costumas brincar “Lá fora”? (na natureza, ao ar livre, na rua/no campo/na mata/no jardim, na praia...).

2. O que é a natureza?

3. Costumas ouvir sons na natureza? Quais os sons que te lembram?

4. O que gostas de fazer quando estás “Lá fora”?

5. Do que tens mais medo quando brincas “Lá fora”?

GRUPO II – Gosto pela natureza

	SIM	NÃO
1. Gostas de ouvir os sons da natureza?		
2. Gostas de flores?		
3. Gostas de árvores?		
4. Gostas de apanhar pedras?		
5. Gostas de apanhar folhas caídas no chão?		
6. Gostas de apanhar conchas na praia?		
7. Gostas de mexer na terra e ficar com as mãos sujas?		
8. Gostas de brincar “Lá fora” quando está mau tempo?		

GRUPO III – Empatia pelas criaturas

	SIM	NÃO
1. Gostas de animais?		
2. Ficas triste quando um animal se magoa?		
3. Gostas de mexer nos animais e nas plantas?		
4. Gostas de ver os pássaros a voar?		
5. Gostas de correr atrás das borboletas?		

GRUPO IV – Sentido de pertença

	SIM	NÃO
1. Os meninos e as meninas fazem parte da natureza?		
2. Podes viver sem plantas?		
3. Podes viver sem animais?		
4. Ficas feliz quando estás “Lá fora?”		
5. Tens medo de estar na floresta?		

GRUPO V - Sentido de responsabilidade

	SIM	NÃO
1. Podes ajudar a melhorar a natureza?		
2. Por o lixo no caixote ajuda a natureza?		
3. Podes arrancar flores quando te apetece?		
4. Podes fazer mal aos animais?		

- Questão 4 do grupo I, adaptada de Collado, Corraliza, Staats e Ruiz (2014)
- Questões dos grupos II, III, IV e V baseadas na “Nature relatedness scale” de Nisbet, Zelenski e Murphy (2009) e no “Connection to nature index” de Cheng e Monroe (2010)

ANEXO 5 – DIÁRIO DE BORDO

DIÁRIO DE BORDO

PROJETO “BRINCAR NA NATUREZA”

1. OFICINA DE FORMAÇÃO COM A EQUIPA EDUCATIVA

Data: 19/04/2017	Hora: 19h30min	Pessoas envolvidas: Educadoras e assistentes operacionais
Local: Instituição – creche e JI		
Atividade/Incidência: Oficina/ sessão com a Equipa Educativa da instituição		
<p>Descrição da observação:</p> <p>A sessão decorreu numa sala da instituição e todos os membros da equipa educativa compareceram. Teve início com uma atividade em que cada participante deveria escolher uma das imagens espalhadas na mesa, com a qual se identificasse, que se aproximasse do conceito de educação que defende ou da ideia que têm da infância (o que é ser criança). Cada uma mostrou a imagem escolhida e justificou a escolha. Seguiu-se a visualização e discussão de um PowerPoint com uma pequena apresentação do estágio realizado pela investigadora/formadora na Little Forest Folk, em Londres e do Projeto Brincar na Natureza. Foram debatidas as vantagens que a educação na natureza traz para a criança, desconstruindo alguns estereótipos, tendo sido especialmente focado o papel das educadoras e assistentes operacionais quando acompanham as crianças num projeto deste tipo.</p>		

<p>Avaliação da sessão:</p> <p>Todos os membros da equipa estiveram presentes na sessão, tendo manifestado interesse desde o seu início. As escolhas das imagens evidenciaram que toda a equipa é sensível a uma educação mais aberta ao exterior. Os contributos e ideias para aproximar as crianças da natureza foram muitos, como utilizar maior e mais variedade de elementos naturais, realização de atividades utilizando materiais reutilizáveis, mini-horta, tornar mais natural o espaço exterior da instituição, maior aproveitamento dos parques da cidade. Apesar da surpresa de algumas características apresentadas em relação ao brincar no exterior e ao papel das pessoas adultas, todas as participantes na sessão foram bastante recetivas e compreenderam o porquê, as vantagens e desvantagens que as características e a forma como as pessoas adultas atuam, contribuem para o desenvolvimento e bem-estar das crianças.</p>
--

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; compreensão

2. OFICINA/SESSÃO COM MÃES E PAIS

Data: 26/04/2017	Hora: 18h30min	Pessoas envolvidas: - 2 Educadoras responsáveis - Pais e mães das crianças
Local: Instituição – Creche e JI		
Atividade/Incidência: Oficina/ Sessão com mães e pais das crianças envolvidas no projeto		
<p>Descrição da observação: A sessão decorreu no refeitório da instituição, tendo havido representantes das 18 crianças participantes. Foi realizada uma atividade onde cada mãe/pai deveria escolher uma das imagens espalhadas na mesa, com a qual se identificasse, que se aproximasse do conceito de educação que defende ou da ideia que têm da infância (o que é ser criança). Cada pessoa mostrou a imagem escolhida e justificou a escolha. Seguiu-se a visualização e discussão de um PowerPoint com uma pequena apresentação do Projeto Brincar na Natureza. Foram debatidas as vantagens que a educação na natureza traz para a criança, desconstruídos alguns estereótipos, tendo sido esclarecido o papel das pessoas adultas para fomentar a ligação criança-natureza. Foi distribuído, um folheto sintetizando a informação mais importante sobre o Projeto. Foram também entregues os documentos necessários para a participação das crianças: consentimento informado e autorização para fotos/filmagem, assim como o questionário aos pais e mães.</p>		

Avaliação da Sessão:

A adesão das famílias à sessão superou as expectativas, havendo apenas quatro crianças que não foram representadas, duas delas por motivos devidamente justificados. Através da realização da atividade das imagens, verificou-se que muitos pais e mães presentes tiveram uma infância próxima da natureza, nomeadamente, em aldeias e, por isso, veem com agrado a realização do projeto de forma a possibilitar às crianças um pouco das suas próprias vivências. A curiosidade sobre o projeto foi uma constante, os pais e mães participaram na sessão colocando questões e esclarecendo as suas dúvidas. Compreenderam os objetivos do projeto bem como a dinâmica e as questões práticas inerentes. De referir, no entanto, que o facto de mesmo com chuva o projeto não ser interrompido e as crianças irem sempre para o Jardim Botânico, teve de ser mais trabalhado, sensibilizando também para a importância do vestuário neste tipo de situações. De uma forma geral o projeto foi muito bem recebido pelas famílias.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; compreensão

3. SESSÃO 1

Data: 10/05/2017	Hora: 9h – 15h	Pessoas envolvidas: - 3 Educadoras - 18 crianças
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		
Atividade/Incidência: Definição de algumas regras em conjunto/ Exploração de Espaços / Brincar livre		

Descrição da observação:



Chegámos ao Jardim Botânico da Universidade de Coimbra pelas 9h20min. Abriram-nos o portão de acesso à mata e entregaram-nos a chave da sala de apoio para guardarmos as mochilas, almoço e todo o material como fraldas, mantas, etc. Seguimos para a Mata e parámos junto da grande “figueira-estranguladora” para todos/as juntos/as estabelecermos algumas regras. Deste momento de reunião inicial surgiram 5 regras base: Respeitar a natureza (não magoar os animais, não arrancar/pisar plantas, não estragar as “casas” dos animais...); Respeitar as indicações das pessoas adultas (no que respeita a questões de segurança, espaços que podem ou não ser usados,...); ser simpático/a e amigo/a dos/as colegas; não se afastar do grupo (para sítios onde não seja visto ou não veja colegas e pessoas adultas); Divertir e brincar! Começámos depois por explorar alguns dos espaços a utilizar ao longo das sessões. O dia estava de chuva por isso os impermeáveis e as galochas foram fundamentais para a exploração das crianças. Aproveitámos a agitação pelo vento no bambuzal para fazer um reconhecimento dos sons que cada um ouvia. O grupo encontrou uma minhoca e a maioria das crianças ficou reticente em tocá-la. Houve no entanto um menino que pegou na minhoca sem problemas e a mostrou a todas as outras crianças. Conversámos sobre as minhocas, como vivem, do que se alimentam, como se deslocam... As crianças manifestaram interesse em procurar outros animais e iniciaram a sua busca. Encontraram pequenos insetos, que foram sendo explorados e um ouriço-cacheiro morto. Paus, folhas, pedras, pequenos elementos que caem das árvores... tudo foi objeto de curiosidade das crianças e manifestaram

interesse em recolher alguns dos elementos para levar para casa. Descobrimos também novos trilhos no meio da mata. Foram explorados todos os espaços desde o edifício até ao bambuzal, com exceção do pomar.

Avaliação da Sessão:

As crianças manifestaram preferência pelo bambuzal por ser um espaço bastante amplo, onde podem brincar à vontade. Tem também acesso a água uma vez que passa uma pequena “vala” de água. O grupo identificou diversos sons como o vento, pássaros a cantar, água a correr, bambus a estalar. De registar a imaginação das crianças que permitiu ver um “hipopótamo” (velho tronco de árvore caído no meio da vegetação) e “pandas” no bambuzal. Todas as observações das crianças são aproveitadas pelas pessoas adultas que as acompanham, de forma a orientarem o seu conhecimento e assim retirarem o máximo partido desta experiência. A chuva não incomodou a maioria das crianças, que brincaram envolvidas nas suas próprias aventuras. Apenas uma criança referiu em jeito de observação “está a chover na minha cabeça!”. Algumas crianças não gostaram da sensação de ter as mãos sujas com terra molhada. Foi visível a formação de pequenos grupos, consoante os interesses nas brincadeiras e a cooperação estabelecida, especialmente das crianças mais velhas para com as mais novas, ajudando-as sempre que preciso. Como ponto negativo regista-se o facto de cerca de 4 crianças não possuírem impermeáveis ou galochas, equipamento fundamental para o seu conforto em dias de chuva e que havia sido solicitado às famílias.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

Sons da natureza; sobre os pandas; sobre as minhocas; as regras; os sítios onde podemos ir

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

Brincar; da minhoca; das folhas; de brincar com o pau; de ver ouriço-cacheiro

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

Andar muito

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

Dos “leões”

4. SESSÃO 2

Data: 17/05/2017	Hora: 9h -15h	Pessoas envolvidas: - 2 Educadoras - 1 Assistente operacional - 18 crianças
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		
Atividade/Incidência: Exploração da zona do Miradouro; brincar com água; Brincar livre		

Descrição da observação:



Continuámos a explorar a magnífica mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Hoje foi dia de conhecer o miradouro. As crianças mais velhas reconheceram o rio que estavam a ver e as mais novas aprenderam o seu nome. Houve também um reconhecimento da área envolvente do rio: “parque do urso” como lhe chamaram – Parque Verde da cidade. Contaram histórias de quando lá estiveram com as famílias. Novas aventuras, novas descobertas, muitas perguntas, muitos sorrisos...Fizeram fogueiras imaginárias para cozinhar, procuraram segredos nas árvores, encontraram alguns insetos que nunca tinham visto, brincaram com a água...fizeram misturas, encheram e esvaziaram recipientes. Foram utilizados alguns brinquedos ligados às ciências naturais que consideramos pertinentes neste contexto: binóculos, lupas, caixas transparentes para recolha de elementos (algumas com lupa incorporada), pinças, copos graduados, fita métrica, funil, seringas. No final do dia havia muito cansaço, mas também muita vontade de regressar!

Avaliação da Sessão:

A utilização da água e a observação do rio Mondego foram dois momentos que causaram grande impacto nas crianças. O primeiro permitiu a utilização de recipientes de medida por parte das crianças de modo poderem explorar a noção de quantidade. O segundo levou à partilha de histórias vividas com as famílias na zona envolvente do rio e a introdução do conceito de localização. Foi possível observar a concentração e empenho com que as crianças se envolvem nas brincadeiras e explorações que vão fazendo. São várias as questões que vão colocando, seja em relação a elementos específicos ou situações que vão surgindo. Duas crianças que habitualmente mostram alguma timidez e são reticentes a experimentar novas situações (na creche), mostram-se à vontade para participar, experimentar, tocar em tudo. Um das crianças, habitualmente tem algumas dificuldades em concentrar-se nas tarefas, o que não se verificou hoje, pelo contrário. Nota-se a formação de pequenos grupos consoante os interesses e curiosidades e vê-se a cooperação entre as crianças participantes, por exemplo na elaboração de uma “fogueira” para cozinhar salsichas e batatas, várias crianças reuniram os elementos necessários à brincadeira e partilhavam-nos.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

Sobre a água; o rio Mondego; o cheio e o vazio; as árvores; as patas dos insetos

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

Brincar; brincar com a água; ver as árvores; ver o urso; apanhar folhas; correr

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

Medir a água

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

Não

5. SESSÃO 3

Data: 24/05/2017	Hora: 9h -15h	Pessoas envolvidas: - 2 Educadoras - 1 Assistente operacional - 18 crianças
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		
Atividade/Incidência: Brincar livre; brincar com água; observação de pássaros; recolha de elementos naturais; ginástica; os caracóis.		

Descrição da observação:

Hoje foi dia de observarmos com maior atenção o Pomar... As crianças treparam a cerca para poderem ver melhor e colocaram questões relacionadas com as árvores. Connosco descobriram um novo espaço que se transforma num caminho a utilizar também e “bichinhos” que vivem por lá! Os caracóis foram alguns deles. Exploraram tamanhos, formas e cores. “Este caracol não tem cabeça” disse uma criança. Para chegar a este local as crianças têm de saltar uma pequena vala, o que implica algum equilíbrio e destreza, necessária também na sua exploração pela existência de vários troncos e folhas espalhadas. Com um dia em que a temperatura era muito elevada, grande parte do grupo passou um bom tempo a brincar com a água, explorando as quantidades dentro de cada recipiente.

Avaliação da Sessão:

As crianças têm cada vez menos receio em mexer nos pequenos animais que encontram ou em sujar as mãos. Levantam várias questões relacionadas com o que observam e estão mais protetoras com os elementos naturais vivos. Aprenderam sobre os caracóis e testaram diversas habilidades motoras. Nota-se uma grande colaboração entre as crianças nas brincadeiras, completando muitas vezes os raciocínios umas das outras. De registar a alta temperatura (34º) que se fez registar, pelo que foram vários os momentos de descanso à sombra das árvores, aproveitando para explorar, ver os pássaros e ouvir os vários sons à nossa volta. As explorações que envolvem água continuam a ser das preferidas das crianças. Referem muitas vezes que querem levar determinado elemento para a mãe ou para o pai. Conversam entre si sobre as suas descobertas. A escolha do que querem fazer tem surgido sempre das próprias crianças e nota-se sempre um grande envolvimento e motivação da sua parte.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

Sobre os caracóis, as árvores; as frutas; os pássaros; a água;

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

Descobrir caracóis; saltar; brincar; ver as árvores; ver o rio Mondego; brincar com os amigos;

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

Encontrar “bichos”; o sol;

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

6. SESSÃO 4

Data: 31/05/2017	Hora: 9h – 15h	Pessoas envolvidas: - 2 Educadoras - 1 Assistente operacional - 18 crianças
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		
Atividade/Incidência: dança com paus; os mágicos; confeção de comida; medição das árvores		

Descrição da observação:



Durante a manhã as crianças brincaram e exploraram essencialmente elementos naturais. Pinhas, folhas, pedras, paus de todos os tamanhos... Observaram o tamanho das árvores e quais eram mais velhas. Com os paus fizeram várias construções. Serviram também para fingir de varinhas mágicas e apelar à imaginação das crianças que construíram a sua própria brincadeira baseada nas “varinhas”. Imitaram os índios, dançando com paus. Trabalharam em conjunto para colocar um marco (pau) da sua presença na zona. Da parte da tarde, já com os brinquedos referenciados anteriormente, as crianças dedicaram-se à culinária, desde sopa, carne, gelatina (com lama e elementos naturais apanhados na mata) e até frigorífico arranjaram para colocar a gelatina! Exploraram os conceitos de cheio/vazio; qual o recipiente que levava mais ou menos água; quantos recipientes pequenos eram necessários para encher os grandes. Utilizaram a fita métrica para explorar as árvores e fazer a sua medição.

Avaliação da Sessão:

As crianças estão bastante confiantes e exploram cada vez mais os vários espaços de forma autónoma. Perguntam se vamos conhecer sítios novos e vêm comunicar-nos caso algum colega pise/arranque alguma planta. Pedem para brincar em determinado espaço (ex: eu quero ir ver o rio Mondego agora!” Passam muito tempo concentradas em brincadeiras como a procura de insetos, exploração da água; confeção de “comida” com lama e elementos naturais”. Nota-se uma crescente capacidade de imaginação nas brincadeiras através dos relatos que nos fazem e nas conversas que ouvimos entre as crianças. Têm um maior equilíbrio ao percorrer os trilhos, nas escadas, a saltar as vala... já não procuram tanto a ajuda das pessoas adultas para ultrapassar os obstáculos. Nota-se um crescente envolvimento com o mundo que as rodeia e o levantamento de várias questões que também serão aproveitadas para explorar em contexto de sala. Tal como nas sessões anteriores, os conflitos entre as crianças foram praticamente inexistentes,

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

Sobre as pinhas; a medir as árvores grandes e pequenas; o tronco (foram exploradas as várias partes da árvore); caminhos novos

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

Brincar; fazer comida; brincar com varinhas mágicas; ver os insetos; brincar com a planta que se agarra à camisola.

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

“Subir lá para cima” (em relação a um trilho novo experimentado)

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

7. SESSÃO 5

Data: 07/06/2017	Hora: 9h – 15h	Pessoas envolvidas: - 2 Educadoras - 1 Assistente operacional - 18 crianças
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		
Atividade/Incidência: Exploração do Pomar: árvores e frutos; exploração das flores: tamanhos, formatos e cores		

Descrição da observação:

Hoje foi dia de visitar o Pomar. As crianças descobriram muitas frutas deliciosas, algumas já conhecidas outras foram novidade. Algumas ainda estão a crescer, outras começam a cair das árvores! Havia frutas de todos os tamanhos e de várias cores. O espaço do Pomar permitiu ainda despertar a atenção das crianças para diferentes plantas que lá existiam, e que levou a uma procura destas não só no Pomar mas também no resto da Mata. As plantas e flores permitiram explorar as cores, os tamanhos, as formas e os cheiros. Uma nova amiga apareceu para brincar com as crianças: uma bela borboleta que seguimos pela mata! As crianças utilizaram elementos naturais como paus, pequenos troncos, folhas, entre outros, para contar e criar conjuntos de acordo com as suas características.

Avaliação da Sessão:

As crianças demonstraram uma grande curiosidade e envolvimento da exploração do Pomar, levantaram muitas questões e não tiveram problemas em tocar nos frutos nas árvores ou apanhá-los do chão. As mais velhas ajudavam as mais novas a identificar os frutos e as árvores a que pertenciam. Apoiaram também as mais pequenas a subir para os vários patamares que constituem o Pomar. A cooperação entre crianças esteve bem presente nesta sessão. Mostraram-se muito curiosas na procura de plantas diferentes e flores de vários formatos. Descobriram que algumas delas têm cheiros bons, outras nem tanto. Gostaram do cheiro da hortelã e associaram-no a “pastilha elástica”. Exploraram também as formas das folhas e das flores. As crianças mais velhas ajudaram as mais novas na procura pelos elementos naturais e na sua divisão em conjuntos, de acordo com as características.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

Conhecer as frutas e as plantas; o que é um pomar

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

O Pomar; apanhar as frutas; apanhar os paus; cheirar as plantas

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

Estar cansada

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

Da abelha

8. SESSÃO 6

Data: 14/06/2017	Hora: 9h – 15h	Pessoas envolvidas: - 2 Educadoras - 1 Assistente operacional - 18 crianças
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		
Atividade/Incidência: Arte com elementos naturais; jogos motores; exploração de sons		

Descrição da observação:

As crianças recolheram diversos elementos que foram encontrando como folhas, flores, paus, areia, terra, bambus, ... e utilizaram-nos na criação de pequenas obras de arte como quadro ou tapetes. Os elementos recolhidos serviram também para uma exploração sensorial, nomeadamente no que respeita aos sons de cada um deles, sendo o bambu o mais adorado pelas crianças. Nesta sessão destacam-se, ainda, os jogos motores inventados pelas próprias crianças e em que se evidenciaram competências como o equilíbrio, a destreza, a coordenação e a capacidade de escalada.

Avaliação da Sessão:

A predisposição das crianças para a arte e a capacidade de imaginação e de fazer arte com elementos tão simples da natureza é fantástica. Foi grande o entusiasmo do grupo em recolher elementos e dispô-los no espaço a seu gosto. Bastou um pequeno grupo de crianças iniciarem a brincadeira que logo outras se juntaram. As propriedades dos elementos foram também exploradas, e até se agruparam alguns deles consoante as suas características. No que diz respeito aos jogos motores, iniciados também pelas crianças, todo o grupo experimentou de diversas formas, pequenos exercícios de escalada, equilíbrio e coordenação. Mais uma vez, notou-se uma grande cooperação entre as crianças, nomeadamente na escalada do “monte”, onde as crianças mais velhas ajudaram as mais novas a subir e a descer. Nem todos conseguiram fazer os mesmos exercícios, no entanto arranjaram várias formas de brincar juntos.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

A brincar com paus, pedras e flores; a subir montes sem cair

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

De subir o monte; fazer a ponte; fazer quadros; ajudar os pequeninos

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

Subir o monte

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

Cair

9. SESSÃO 7

Data: 21/06/2017	Hora: 9h – 15h	Pessoas envolvidas: - 2 Educadoras - 1 Assistente operacional - 18 crianças
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		
Atividade/Incidência: Exploração de elementos naturais; jogo simbólico; visita ao pomar		

Descrição da observação:



A utilização de elementos naturais como representação do jogo simbólico é das brincadeiras preferidas do grupo. Um pau pode servir de espada, varinha mágica, colher/garfo/faca, pente, mangueira, etc. As crianças transformam-se em dragões, macacos, pássaros, adultos, cozinheiros/as, etc. As conversas das crianças incluem vocabulário relacionado com a natureza. Na visita ao pomar as crianças ajudam-se umas às outras, auxiliando as mais pequenas e com maior dificuldade em subir os patamares. Recolhem várias frutos do chão e trazem-nas para observar melhor. Em pequenos grupos observam também as árvores e suas características, tanto no Pomar como nos percursos realizados ao longo do dia. Nesta sessão brincaram bastante com os recipientes a que têm acesso, enchendo e esvaziando. Utilizando os recipientes pequenos para encher os grandes, etc.

Avaliação da Sessão:

A imaginação das crianças é realmente fantástica e nota-se uma progressão desta, no que diz respeito à utilização de elementos naturais, tanto na escolha como nas brincadeiras de faz-de-conta. A própria descrição do que estão a fazer é feita de forma mais minuciosa, com mais pormenores, como se estivessem de facto a vivê-lo. As crianças conseguem brincar sozinhas ou em grupo consoante os seus interesses, e não saltitam tanto entre diferentes brincadeiras. O vocabulário relacionado com a natureza é cada vez maior, assim com a compreensão a seu respeito. As crianças colocaram diversas perguntas sobre o Pomar e nas suas conversas surgem algumas dúvidas relacionadas com os próprios elementos naturais.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

A respeitar os colegas; os frutos; sobre as árvores

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

De brincar com a varinha mágica; ir ao Pomar; ajudar a J.

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

Subir tudo para vir embora

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

Dos barulhos

10. SESSÃO 8

Data: 28/06/2017	Hora: 9h – 15h	Pessoas envolvidas:
Local: Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra		- 2 Educadoras - 1 Assistente operacional - 18 crianças
Atividade/Incidência: Exploração livre dos espaços; Despedida		
Descrição da observação:		
 		
<p>Chegou ao fim esta fantástica aventura no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Hoje tivemos a visita da professora Filomena que também se juntou a nós nas brincadeiras, ensinou coisas novas, e ficou a conhecer melhor os nossos espaços. Com ela as crianças aprenderam a medir as suas alturas utilizando apenas paus e uma pedra para fazer a marcação. Avaliaram quem eram as crianças mais altas e as mais baixas. Fizemos todo o percurso pela Mata, explorando todos os espaços utilizados habitualmente, brincando e fazendo a despedida de cada um deles. Com pequenos troncos, as crianças fizeram uma fogueira imaginária e cozinhar uma bela refeição para um magnífico piquenique de despedida. A chuva voltou para se despedir de nós e todos/as aproveitámos as poças de água para saltitar e chapinhar. Encontrámos uma abelha que não conseguia voar e logo as crianças pensaram em várias hipóteses para o acontecido: “Se calhar está doente?”; “Será que partiu uma asa?”; “Pode ter lutado com outra abelha e magoou-se”. Numa segunda fase, tentaram perceber como poderiam ajudar a abelha. Juntos conversámos sobre as abelhas, como se alimentavam, o que produziam, como viviam,... . Desta conversa saiu um novo projeto para realizar com o grupo, na instituição.</p>		

Avaliação da Sessão:

As crianças mostraram o mesmo entusiasmo e curiosidade de sempre, apoiando-se umas às outras e inventando novas brincadeiras com os elementos que tinham à disposição. Receberam muito bem a professora Filomena e aceitaram-na como parte do grupo. Algumas crianças não compreenderam bem o porquê de esta ser a última sessão do projeto e de na próxima semana não voltarmos. Todas elas mostraram interesse em voltar. É notória a capacidade crescente das crianças em levantar hipóteses e tentar encontrar soluções para os problemas, como no caso da abelha.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO

Motivação; envolvimento; participação; curiosidade; resolução de problemas; cooperação; levantamento de questões;

Avaliação da sessão com as crianças:

PERGUNTA: O que aprenderam hoje?

Sobre as abelhas; as alturas; a contar; sobre a chuva

PERGUNTA: O que mais gostaram de ver/fazer hoje?

Saltar nas poças de água; ver as alturas; ver a abelha

PERGUNTA: O que acharam mais difícil?

Conseguir ajudar a abelha sem ela picar;

PERGUNTA: Tiveram medo de alguma coisa?

De não voltar ao Jardim Botânico.

Data: 02/07/2017 | **Hora:** 15h:30min

BALANÇO FINAL: Este projeto demonstrou que o brincar de forma livre em ambiente natural traz, sem dúvida, benefícios para o bem-estar da criança. Se o conseguimos ver em 8 sessões, acreditamos que com mais tempo, os resultados seriam ainda mais visíveis. Houve uma grande evolução do grupo desde a primeira sessão até à última. Estar num ambiente que lhes era estranho e com maior liberdade do que habitualmente têm, permitiu que interiorizassem e valorizassem as regras estabelecidas, bem como, pouco a pouco se habituassem e confiassem nas características do ambiente natural. Ao longo das sessões foi notório a capacidade crescente para reparar e observar o que estava à sua volta, aproveitando tudo o que podiam para as suas explorações e brincadeiras. Também a capacidade de descrever o que viam e faziam na Mata foi evoluindo, dando origem a conversas onde era notório o aumento de vocabulário. O facto de os espaços utilizados na mata se repetirem nas sessões, permitiu que as crianças se familiarizassem com eles, ganhando confiança e sentido de pertença, fundamental nas suas explorações e brincadeiras. A vontade de experimentar coisas novas, arriscar ou ultrapassar o medo de pequenos insetos foi aumentando também ao longo do tempo no grupo de crianças. Mesmo as crianças que iniciaram o projeto mais receosas, foram demonstrando um envolvimento crescente e uma imensa vontade de explorar a mata. Outras competências onde se notou uma evolução positiva das crianças foi a capacidade de concentração, de esperar pela sua vez (por exemplo quando aguardavam para falar ou para escolher os materiais da caixa, que queriam utilizar nas suas brincadeiras), de participar nas discussões de grupo e trazer ideias novas para as discussões. No final das sessões, o facto de refletirem sobre o dia e as suas vivências, permitia: *i*) a partilha de experiências significativas; *ii*) aprender a escutar as outras crianças; *iii*) esperar pela sua vez de falar; *iv*) compreender as perspetivas dos/as colegas e *v*) mostrar o seu entusiasmo ao falar sobre o que experienciaram. As questões levantadas durante as sessões, em relação a animais, plantas, brincadeiras ou situações, constituem outro dos aspetos positivos. O facto de não haver atividades estruturadas permite que as crianças escolham as suas brincadeiras segundo os seus interesses, levantem questões e procurem soluções para os problemas, tornando a aprendizagem mais significativa e motivadora para cada uma delas. Muitas vezes notou-se a divisão das crianças por grupos, de acordo com as suas preferências no momento. A cooperação é outro dos aspetos a realçar. As crianças ajudaram-se entre si, sentiam-se parte do grupo e as mais velhas assumiram sempre uma atitude protetora das mais novas ajudando-as, sempre que necessário, nas suas aventuras. Com este projeto entendemos que não basta falar sobre a natureza, pintá-la ou ouvir histórias sobre ela. É preciso compreendê-la e aprender com as mãos e o corpo inteiro, em contato com a terra, a água, o sol e a chuva, as plantas e os animais. Brincar num espaço onde a natureza é protagonista possibilita às crianças tornarem-se protetoras do próprio meio envolvente. No final do projeto, todo o grupo reconhece que não se pode arrancar as plantas ou fazer mal aos animais; que não se pode viver sem ambos; que se pode fazer mais para ajudar a natureza e que temos de a respeitar.

(Responsável: Ana Filipa Rodrigues)

**ANEXO 6 – ESCALA DE APTIDÕES SOCIAIS (EAS) – AVALIAÇÃO
INICIAL E FINAL**

ESCALA DE APTIDÕES SOCIAIS (EAS)

Gomes & Pereira (2014). Versão portuguesa do *Preschools and Kindergarten Behavior Scale – PKBS – 2*, Merrel, 2002

Parte I – Informações sobre a criança

Nome: _____ Idade: _____ anos _____ meses;

Sexo: M F; Há quanto tempo frequenta o jardim de infância: _____ meses;

Instituição da rede: pública privada IPSS;

Localização: Freguesia: _____ | Distrito: _____

Parte II – Informações sobre o/a Educador/a que recolhe os dados

Idade: _____ anos; Sexo: M F; Tempo de Serviço: _____ anos

Especifique o local onde observou ou interagiu com a criança: _____

Parte III - Instruções e Escalas

Avalie por favor a criança em cada um dos itens deste formulário. A avaliação deverá refletir as suas observações a respeito do comportamento da criança, nos últimos 3 meses. Assinale com um círculo, o número associado à resposta de acordo com a seguinte escala:

Nunca Se a criança não exibiu um comportamento específico ou se não teve a oportunidade de o observar, circunde 0, que indica *Nunca*.

Raramente Se a criança poucas vezes exibiu um comportamento específico ou característica, circunde 1, que indica *Raramente*.

Às vezes Se a criança ocasionalmente exibiu um comportamento específico ou característica, circunde 2, que indica *Às vezes*.

Muitas vezes Se a criança frequentemente exibiu um comportamento específico ou característica, circunde 3, que indica *Muitas vezes*.

		Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Pontuações			
1.	É alegre e divertida com as outras crianças.	0	1	2	3				
2.	Brinca com várias crianças.	0	1	2	3				
3.	É aceite pelas outras crianças.	0	1	2	3				
4.	Segue as instruções das pessoas adultas	0	1	2	3				
5.	Executa novas tarefas antes de pedir ajuda.	0	1	2	3				
6.	Faz amigos/as facilmente.	0	1	2	3				
7.	Mostra autocontrolo.	0	1	2	3				
8.	É convidada para brincar pelas outras crianças.	0	1	2	3				
9.	Utiliza o tempo livre de modo aceitável.	0	1	2	3				
10.	É capaz de se separar do pai e da mãe sem stress.	0	1	2	3				
11.	Quando as histórias estão a ser contadas, senta-se e escuta.	0	1	2	3				
12.	Respeita os direitos das outras crianças (por ex. “Isto é teu!”).	0	1	2	3				
13.	Adapta-se facilmente a diferentes ambientes.	0	1	2	3				
14.	Revela aptidões ou capacidades que são admiradas pelas outras crianças.	0	1	2	3				
15.	Conforta outras crianças que estejam aborrecidas.	0	1	2	3				
16.	Convida outras crianças a brincarem com ela.	0	1	2	3				
17.	Quando questionada sobre desarrumação do espaço colabora na arrumação.	0	1	2	3				
18.	Segue as regras.	0	1	2	3				
19.	Quando se magoa procura conforto junto do/a adulto/a.	0	1	2	3				
20.	Partilha brinquedos e outros objetos lúdicos.	0	1	2	3				
21.	Defende os seus direitos.	0	1	2	3				
22.	Pede desculpa quando ocorre um comportamento accidental que possa perturbar outras crianças.	0	1	2	3				
23.	No momento adequado é capaz de ceder ou comprometer-se com as outras crianças.	0	1	2	3				
24.	Aceita decisões das pessoas adultas.	0	1	2	3				
25.	Agarra em brinquedos e outros objetos.	0	1	2	3				
26.	Nas situações sociais demonstra amizade.	0	1	2	3				
27.	Responde apropriadamente quando é corrigida.	0	1	2	3				
28.	É sensível aos problemas dos/as adultos/as (por ex. “Estás triste?”).	0	1	2	3				
29.	É afetuosa para com as outras crianças	0	1	2	3				
	Item da dimensão (quadrado branco)					Totais			
	Não é item da dimensão (quadrado escuro)						A1	A2	A3

Informação adicional

Por favor use o seguinte espaço para acrescentar mais alguma informação sobre a criança, que julgue ser adequada e que permita compreender melhor o seu comportamento.

ANEXO 7 – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Investigação no âmbito do Mestrado em Educação para a Saúde

O projeto “*Brincar na Natureza: explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos*” tem como principal objetivo perceber de que forma o brincar livre na natureza influencia o desenvolvimento da criança, o seu conhecimento e atitudes de proteção face ao ambiente. Como o projeto requer a realização de uma pequena entrevista e o registo dos comportamentos observados nas crianças, venho solicitar autorização para a participação do/a seu/sua educando/educanda nesta investigação. Os dados recolhidos serão tratados com confidencialidade, e servirão, apenas, para recolha e tratamento de dados, em que o anonimato das crianças será sempre preservado.

A sua colaboração, como encarregado/a de educação será também fundamental, no preenchimento de um questionário cujo objetivo é o de perceber as opiniões e perspetivas sobre a importância do brincar em contexto natural.

Agradeço desde já a sua colaboração!

(Ana Filipa Rodrigues)

.....(destaque e devolva sff)

Eu, _____ (nome da/o encarregada/o de educação) autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) a/o minha/meu educanda/o _____ a participar no Projeto “*Brincar na Natureza: Explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos*” sob observação, registo e entrevista para recolha e sistematização de dados para investigação, de forma confidencial.

Aceito/não aceito (riscar o que não interessa) participar no estudo, através do preenchimento do questionário em anexo.

Declaro ainda que me foi fornecida toda a informação relevante sobre o projeto e que tenho conhecimento de que a qualquer momento, eu e o/a meu/minha educando/a temos total liberdade para nos retirarmos deste.

Coimbra, _____ de _____ de 2017

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação: _____

**ANEXO 8 – CONSENTIMENTO INFORMADO – REGISTOS DE
FOTOGRAFIA OU AUDIOVISUAL**

CONSENTIMENTO INFORMADO

REGISTOS DE FOTOGRAFIA OU AUDIOVISUAL

Por favor, leia com atenção todo o conteúdo deste documento. Não hesite em solicitar mais informações se não estiver completamente esclarecido/esclarecida.

No âmbito do Projeto “*Brincar na Natureza: explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos*” vimos por este meio solicitar a vossa autorização para fotografar e/ou filmar as sessões a realizar no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, nos meses de Maio e Junho de 2017. No âmbito deste pedido, garante-se a total privacidade das imagens e informa-se que as fotografias/filmes recolhidos terão a seguinte utilização:

- 1) Registos e avaliação das crianças e do projeto em si;
- 2) Grupo secreto do facebook, que será criado apenas para que **pais e mães das crianças participantes** possam acompanhar o Projeto;
- 3) Página de facebook de divulgação do projeto (onde as **fotografias utilizadas garantem a privacidade da criança**, nomeadamente não divulgando a sua cara nem dados, à semelhança do que acontece já na página da Instituição)

Para qualquer informação ou esclarecimento extra, sinta-se à vontade para contactar Ana Filipa Rodrigues: affrodrigues@esec.pt. Agradeço desde já a sua colaboração!

.....(destaque e devolva sff)

Eu, _____ (nome da/o encarregada/o de educação) autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) a/o minha/meu educanda/o _____ a ser fotografado/filmado durante as sessões do Projeto “*Brincar na Natureza: explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos*”, para utilização em:


- 1) Registos e avaliação das crianças e do projeto em si;
- 2) Grupo secreto do facebook, que será criado apenas para que **pais e mães das crianças participantes** possam acompanhar o Projeto;
- 3) Página de facebook de divulgação do projeto (onde as **fotografias utilizadas garantem a privacidade da criança**, nomeadamente não divulgando a sua cara nem dados, à semelhança do que acontece já na página da Instituição)

Nota: Se alguma das opções não for do seu agrado deve riscá-la.

Coimbra, _____ de _____ de 2017

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação: _____

ANEXO 9 – FOLHETO INFORMATIVO

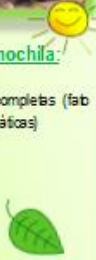


O que levar na mochila

- 2 mudas de roupa completas (fita de teino ou roupas práticas)
- 1 par de calçado
- 3 pares de meias
- Garrafa de água
- Protetor solar
- Boa disposição
- Espírito de equipa
- Curiosidade

NOTA: Todas as roupas e conteúdos da mochila devem ser identificados com o nome da criança. É necessário levar a T-shirt oficial do Capuchinho vestida.

Nos dias em que possa chover, as crianças deverão vestir roupas e calçado apropriado, nomeadamente casaco e calças impermeáveis e galo-chas/calçado impermeável.



COM O APOIO DE:



Para qualquer esclarecimento contactar:
aif_rodrigues@hotmail.com



BRINCAR NA NATUREZA

MAIO E JUNHO DE 2017

ENQUADRAMENTO

Na sociedade atual, a maioria das crianças tem pouco contacto direto com o ambiente natural. Segundo Mustapa, Malik e Hamzah (2015), esta falta de contacto direto com a natureza e muitas vezes com o espaço exterior no geral, traz consequências negativas a nível do desenvolvimento, saúde e bem-estar.

CARACTERÍSTICAS DO PROJETO

- Local: Jardim Botânico da Universidade de Coimbra
- Duração: oito semanas - Maio e Junho
- Dia da semana: Quarta-Feira
- Custo: não aplicável
- Hora de saída da creche: 9h
- Hora de chegada à creche: 15h
- Transporte: J.F.S. Martinho do Bispo e Ribeira de Frades & Vigor da Mochidade

OBJETIVOS

- Promover o desenvolvimento pessoal e social das crianças, ajudando-as a perceber os benefícios que proteger e cuidar do ambiente, traz para a sua própria saúde e bem-estar;
- Desenvolver, nas crianças, uma forte empatia com o meio natural através da exploração e descoberta de elementos naturais (plantas, animais, sons, cheiros...);
- Despertar nas crianças comportamentos e atitudes positivas perante o ambiente, compreendendo a importância dos recursos naturais e sua preservação;
- Desenvolver a cooperação e o respeito pelos outros, assim como o pensamento crítico, a capacidade resolver problemas e de questionar os fenómenos da natureza através da sua observação e participação direta;
- Sensibilizar as famílias para a importância e vantagens de uma educação na natureza, desconstruindo estereótipos envolvendo-as no projeto.



CALENDARIZAÇÃO

Maio: Dia 10, 17, 24, 31
Junho: Dia 7, 14, 21, 28

REFERÊNCIAS

Mustapa, N., Malik, N., & Hamzah, A. (2015). Repositioning Children's developmental needs in space planning: a review of connection to nature. *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 170, 330-339.

ANEXO 10 – TELAS REALIZADAS PELAS CRIANÇAS NO FINAL DO PROJETO



ANEXO 11 – PÁGINA E GRUPO DO FACEBOOK LIGADOS AO PROJETO

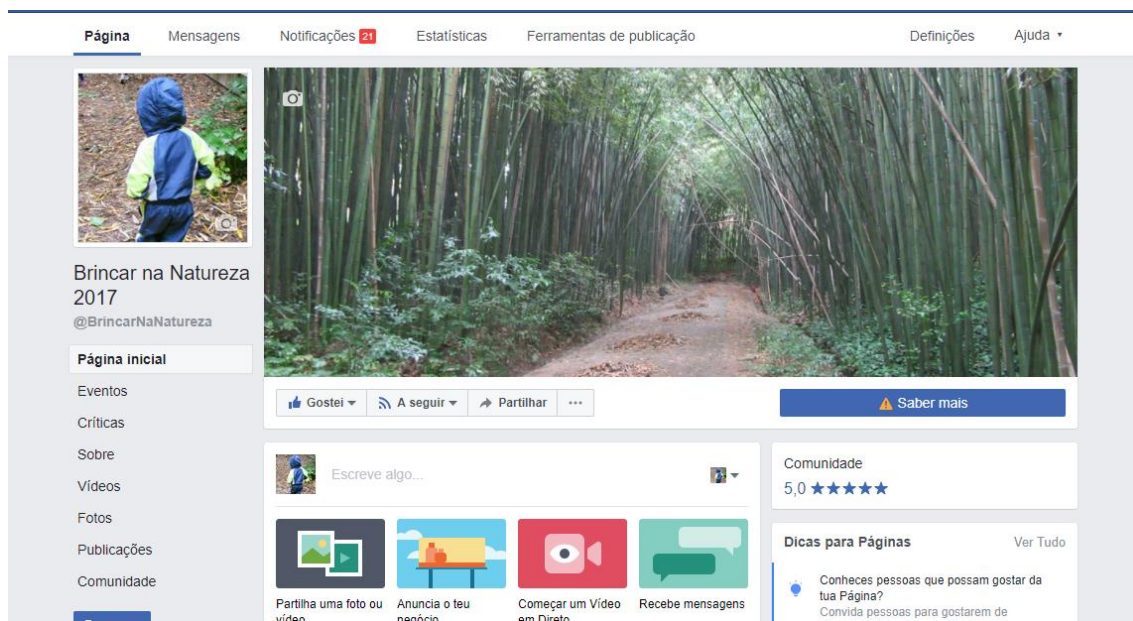


Fig 1 – Página do Facebook: Brincar na Natureza 2017



Fig 2- Grupo (secreto) Facebook: Brincar na Natureza 2017

ANEXO 12 – PARCERIAS



ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DA SAÚDE DE COIMBRA
Formação de Excelência no Ensino da Saúde